

LISBOA
ROMANA — FELICITAS IULIA OLISIPO

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

LISBOA
ROMANA — *FELICITAS IULIA OLISIPO*

A capital urbana de um município de cidadãos romanos

espaço(s) de representação de cidadania

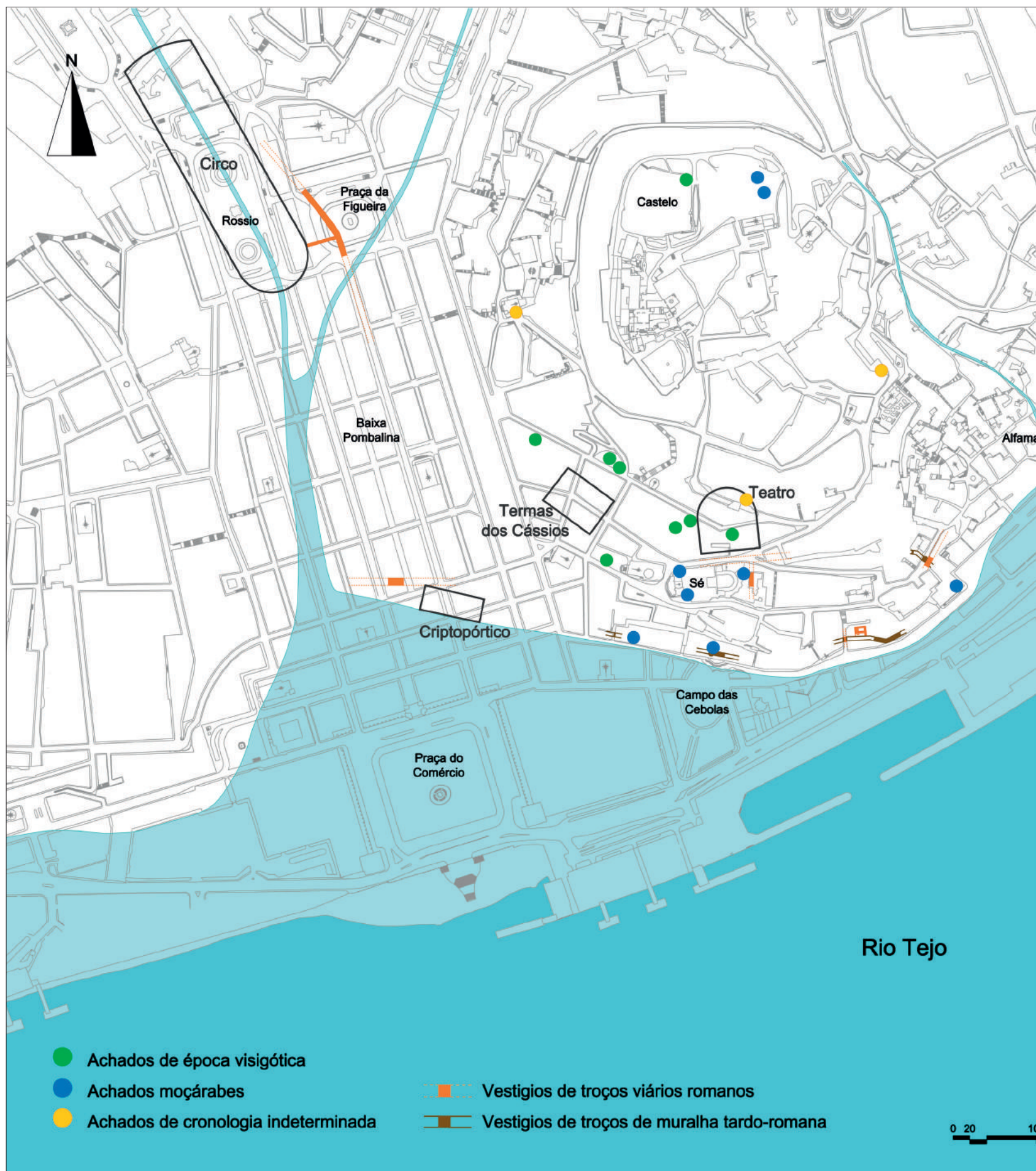
LÍDIA FERNANDES
PAULO ALMEIDA FERNANDES
Coordenação Científica

ALEXANDRA GASPAR
ANA GOMES
ANA VALE
ANTÓNIO VALONGO
CARLOS CABRAL LOUREIRO
CARLOS FABIÃO
CAROLINA GRILO
CRISTINA NOZES
HELENA PINHEIRO
JACINTA BUGALHÃO
LÍDIA FERNANDES
MARIA TERESA CAETANO
NUNO NETO
PAULO ALMEIDA FERNANDES
PAULO REBELO
PILAR REIS
RAQUEL HENRIQUES
RAQUEL SANTOS
RICARDO ÁVILA RIBEIRO
RODRIGO BANHA DA SILVA
VANESSA FILIPE
VASCO NORONHA VIEIRA
VICTOR FILIPE

calei
dos
ópio

Sumário

7	Apresentação	104	O espaço privado
8	Nota Introdutória	105	As Ruas da Sé de Lisboa ALEXANDRA GASPAR; ANA GOMES
11	<i>Felicitas Iulia Olisipo:</i> a capital urbana de um município de cidadãos romanos - espaço(s) de representação de cidadania LÍDIA FERNANDES PAULO ALMEIDA FERNANDES	110	A <i>Domus</i> romana dos Antigos Armazéns Sommer (Lisboa) NUNO NETO; PAULO REBELO; RICARDO ÁVILA RIBEIRO; VASCO NORONHA VIEIRA
14	Espaços de sociabilidade: os edifícios de carácter público	122	Estruturas públicas e domésticas de época romana no edifício da Rua dos Bacalhoeiros, n.º 16-16D/Arco das Portas do Mar, n.º 1-5 HELENA PINHEIRO; RAQUEL SANTOS
15	Em busca do <i>forum</i> de <i>Olisipo</i> CARLOS FABIÃO	128	A ocupação romana na Rua Victor Cordon 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A ANTÓNIO VALONGO
26	O <i>Theatrum</i> de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES	132	Arquitetura, Arte e Engenharia
52	O Circo de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>: um monumento lúdico romano ANA VALE; LÍDIA FERNANDES; CARLOS CABRAL LOUREIRO	133	Sistemas construtivos de cronologia romana de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> LÍDIA FERNANDES; PILAR REIS
68	Espaços de sociabilidade: os <i>balnea</i>	166	A cerâmica em <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>, formas, funções e decorações CAROLINA GRILO
69	As <i>Thermæ Cassiorum</i> RODRIGO BANHA DA SILVA; CRISTINA NOZES	178	Mosaicos Romanos de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> MARIA TERESA CAETANO
80	Banhos termais na Rua da Adiça, Alfama VANESSA FILIPE; RAQUEL SANTOS	190	A decoração arquitetónica de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> ou como a cidade se mostrou LÍDIA FERNANDES
86	Estruturas termais do Beco do Marquês de Angeja, Lisboa VICTOR FILIPE	214	Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana PAULO ALMEIDA FERNANDES; LÍDIA FERNANDES
90	Paredes romanas com pintura mural na Travessa do Ferragial 1-14, Lisboa ANTÓNIO VALONGO; RAQUEL HENRIQUES	232	Referências
94	Um <i>balnea</i> da baixa de <i>Felicitas Iulia Olisipo</i>. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros JACINTA BUGALHÃO	246	Lista de Autores





Da cidade romana à cidade medieval: “desmonumentalização” e reconfiguração urbana

PAULO ALMEIDA FERNANDES
LÍDIA FERNANDES

Desde a construção da muralha tardo-romana (inícios do século IV) até avançado o domínio visigótico sobre a cidade (segunda metade do século VI), *Felicitas Iulia Olisipo* conheceu profundas transformações, motivadas por dois fenómenos paralelos. Por um lado, a desestruturação da urbe romana, resultante sobretudo da perda de função dos principais edifícios públicos, das alterações de gosto dominante, ou da redefinição de antigos espaços produtivos e artesanais. Por outro lado, a crescente implantação de uma topografia cristã, dotada de espaços religiosos estruturantes da nova religião.

São ambivalentes os indicadores acerca da vitalidade urbana de Lisboa entre o final do império romano e a emergência do mundo medieval. Se, por um lado, há evidências de perda de função de importantes e icónicos edifícios públicos romanos, por outro regista-se uma lenta progressão de uma topografia citadina assumidamente cristã.

Se é possível traçar um quadro generalizado de desmonumentalização, em consequência do desmantelamento dos mais importantes símbolos urbanos romanos – à exceção da muralha –, subsistem indícios de ocupação residencial de antigos espaços anteriormente públicos, dinâmica habitacional

que afasta uma linear caracterização deste período como um tempo de declínio demográfico e de perda de importância do centro citadino em benefício das periferias periurbanas e rurais. A questão, no entanto, parece ser mais complexa. O crescimento demográfico no perímetro muralhado pode não traduzir um aumento demográfico generalizado, mas antes o abandono de áreas exteriores às muralhas, em benefício de uma densificação do casco urbano.

Se a desestruturação da ordem imperial implicou a rutura de algumas rotas comerciais anteriormente ativas, comprova-se que algumas unidades transformadoras de

FIG. 1

Planta de *Felicitas Iulia Olisipo*, com indicação dos locais onde foram identificados vestígios arquitetónicos alto-medievais (© Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro e Paulo Almeida Fernandes - Museu de Lisboa / EGEAC, 2019).

produtos piscícolas se mantiveram em atividade para cá do fim do império, convivendo com os novos senhores suevos e visigóticos da cidade.

O destino dos antigos edifícios romanos

A chegada dos visigodos ao poder da cidade de Lisboa - verificada em 468 ou 469 - terá sido alcançada de forma diferente da que os suevos haviam protagonizado escassos meses antes. Possivelmente no início do ano 468, o *praeses Lusidius* – na prática, o último governador romano da cidade – entregou pacificamente a autoridade da urbe ao rei suevo Remismundo. Esta atitude colaboracionista de um destacado membro de *Felicitas Iulia Olisipo*, secundando seguramente a opinião da derradeira elite romana cidadina, foi distinta da que se verificou em relação à passagem de poder para os visigodos.

O bispo Idácio de Chaves escreveu que, tendo os visigodos tomado conhecimento da passagem de Lisboa para a posse da coroa bracarense, atacaram e pilharam os suevos, bem como os núcleos romanos instalados na *Lusitania*. Esta passagem foi já interpretada como uma ação militar concertada que visou submeter toda a Lusitânia (Tranoy, 1974, vol. 2, p. 126), subtraindo assim, esta ainda província romana, à autoridade sueva.

Por se temer uma nova fase de expansionismo por parte dos soberanos de *Bracara Augusta*, ou por se prever uma mais forte instalação visigótica na Península Ibérica (em consequência da crescente pressão franca sobre os territórios transpirenaicos então vinculados aos godos), a opção do rei Eurico foi, a partir de Mérida, estabelecer uma linha divisória de segurança com os suevos, genericamente situada a norte do rio Tejo e a sul do rio Mondego. O rei Remismundo tentou ainda obter do imperador Procópio Antémio

autorização para governar a Lusitânia ou, pelo menos, para defender as suas anteriores possessões naquela província, para o que enviou uma embaixada a Roma, sintomaticamente liderada por *Lusidius*. No entanto, esta iniciativa não terá tido sucesso e, a partir de 469, Lisboa não mais voltou à posse sueva e a própria província da *Lusitania* passou a estar dividida, através de uma fronteira que haveria de durar mais de um século, até à definitiva anexação do reino suevo pelos visigodos, consumada em 585.

Ainda que nenhuma fonte escrita o afirme de forma inequívoca, e que não existam testemunhos materiais que o comprovem, é possível que a passagem da autoridade em Lisboa para o lado visigótico tenha sido acompanhada por uma ação violenta, que pode ter implicado mesmo a parcial destruição da muralha (Silva e Man, 2012, p. 397; Caetano, 2007, p. 105).

Naqueles meados do século V, a muralha tardo-romana era ainda um elemento recente na topografia da cidade. Havia passado pouco mais de um século sobre a sua construção e, mesmo sendo plausível algumas ampliações e/ou retrações em época ainda tardo-romana ou já alto-medieval, não devem restar dúvidas acerca do impacto desta estrutura na vida de *Olisipo*. Dados recentemente discutidos por alguma historiografia permitem equacionar a hipótese de que o traçado da muralha tenha sido objeto de ajustes pontuais durante os primeiros séculos da sua existência. Na zona ocidental, a proximidade em relação às termas dos Cássios levou a considerar que o sistema defensivo tenha integrado no seu interior aquele complexo termal, embora outros autores admitam a sua colocação no exterior. Rodrigo Banha da Silva sugeriu um possível reajuste de traçado neste troço, porventura associado à construção do templo de Cíbele (Silva, 2011, p. 205), hipóteses que, até ao momento, não encontraram certificação arqueológica.

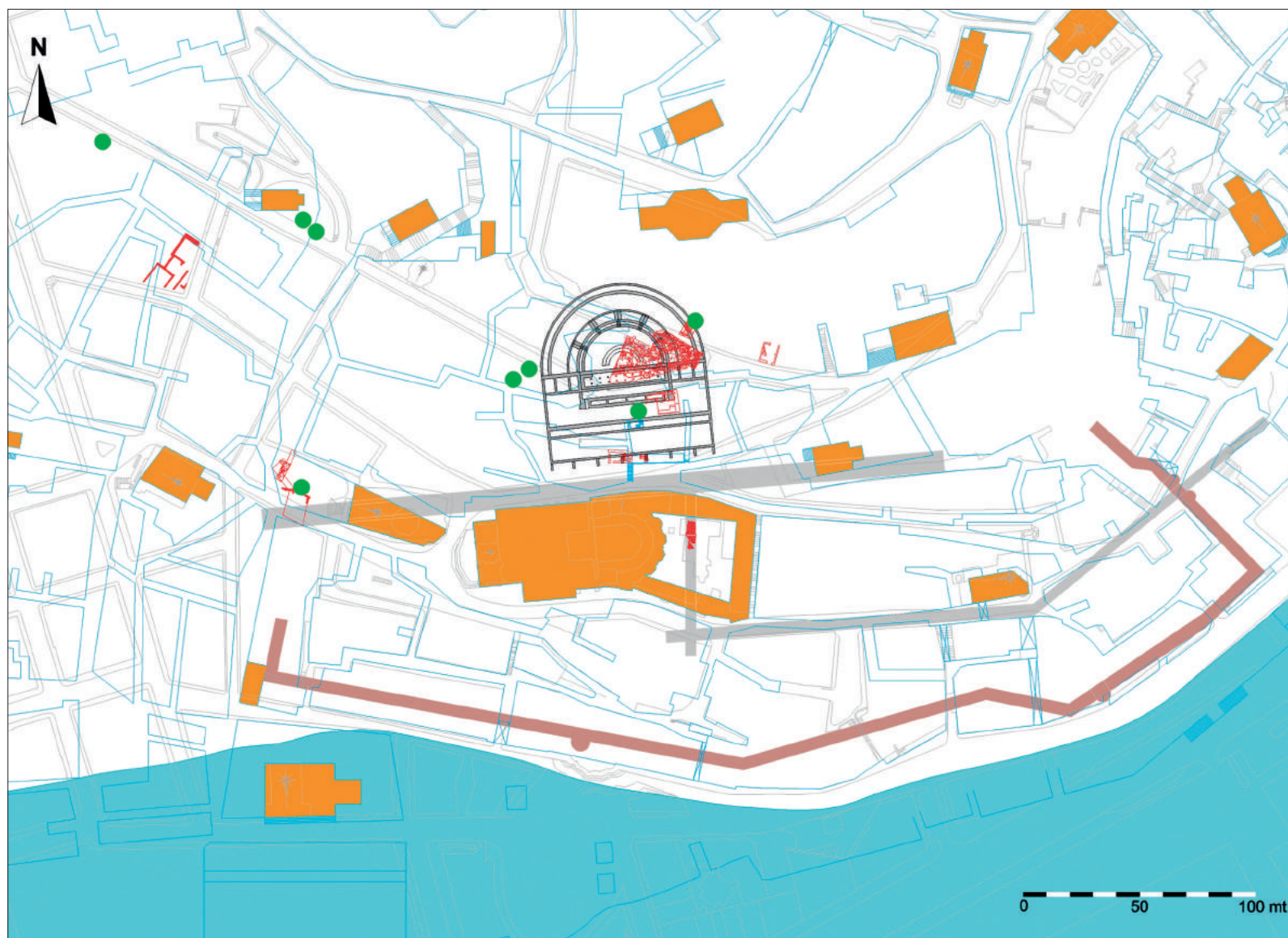


FIG. 2

Área envolvente ao teatro romano com localização dos elementos arquitetónicos
(© Lídia Fernandes e Carlos Cabral Loureiro - Museu de Lisboa / EGEAC, 2019).

Na verdade, na intervenção arqueológica realizada nas termas não foi identificado qualquer vestígio da muralha pelo que o seu traçado deveria situar-se mais para oriente, possivelmente no local onde, depois, se ergueu a Cerca Velha. Esta conjectura é mais plausível, pois aproveitaria o traçado pontuado pelo eventual arco ou *tetrapylon* que poderá ter existido no atual Largo de Santo António. A existência da antiga capela de Nossa Senhora da Consolação, assim como a descrição que, daquele arco, fez Alexandre Herculano (1848, p. 111) sublinham a ideia

de uma continuidade construtiva, especialmente a manutenção de um edifício emblemático de fundação romana que perdurou no local. Embora também aqui não tenha sido identificada a muralha aquando da intervenção arqueológica realizada em 1993, foi registado um edifício de cronologia alto-imperial, eventualmente de carácter público. Foi igualmente reconhecido o reforço do embasamento de uma muralha medieval, sem que tenha sido possível definir, todavia, a planta dos alicerces ou a sua total dimensão (Vale e Fernandes, 1994, p. 109; Fernandes,

2011, p. 298). A terraplanagem do recinto para a abertura do adro defronte da igreja de Santo António, aquando da sua reedificação depois do terramoto de 1755, concretamente em 1782 (Silva, 1939, p. 90), parece ter anulado outros vestígios que aqui pudessem ter existido.

A inexistência da cerca tardo-romana no Largo de Santo António – e, de forma mais abrangente, em todo o lanço ocidental (Mota, Carvalhinhos e Miranda, 2018, pp. 512-517), pode implicar que as termas dos Cássios tenham ficado no exterior da muralha tardia da cidade. Em relação à muralha medieval, comprova-se o traçado pela Rua da Padaria – com vestígios ainda conservados no interior dos edifícios até ao nível do 2.º piso - e pelo Largo de Santo António, partilhando da ideia de que a sua continuação para norte seguiria o traçado proposto por Vieira da Silva (Silva, 1939, Estampa IV). A área intramuros seria, deste modo, mais reduzida, o que sublinha a ideia de um acentuado constrangimento urbano proporcionado pela construção da cerca.

Mais documentadas estão as alterações verificadas na frente ribeirinha, conhecimento proporcionado pela intervenção nos antigos “Armazéns Sommer” (Hotel Eurostars Museum, na Rua Cais de Santarém). Num troço da muralha, prévio ao seu enchimento, identificou-se uma forma cerâmica situável entre finais do século III d.C. e inícios / meados da centúria seguinte, o que poderá atestar a reformulação da muralha num momento posterior à sua construção original (Man, 2008, pp. 291-292). Ainda assim, ter-se-á tratado de uma reforma pontual, pois em nenhum outro local onde se identificou a muralha, tal remodelação e respetiva cronologia foi reconhecida.

Os troços ainda reconhecíveis da Cerca Velha dão conta da monumentalidade e solidez do projeto, mas também da radicalidade com que este atuou sobre a cidade, tendo a

sua construção determinado a diminuição do perímetro urbano, embora se desconheça com exatidão todas as parcelas deixadas fora deste novo sistema. Uma tal estratégia ditou também o abandono de unidades de transformação piscícola, facto verificado na Casa dos Bicos (Fabião, 2009, p. 29), cujas unidades industriais ficaram separadas do rio pela edificação da muralha, mas também a destruição de âmbitos domésticos, alguns de inegável relevância social, cultural e económica, porque detidos por destacados cidadãos da cidade tardo-romana. Este último fenómeno é evidente na frente ribeirinha identificada na Rua do Cais de Santarém: não só se amputaram relevantes dependências de residências abastadas, como até uma praça que estabelecia o acesso a uma área portuária foi cortada pela muralha (Ribeiro *et al.*, 2017a, p. 242). Uma evidência semelhante de desafetação de anteriores construções para a edificação da muralha foi registada por Manuela Leitão no pátio da Senhora de Murça, num paramento associado à porta de Alfama (Leitão, 2014, p. 70).

Os muros da cerca tardo-romana, realizados com aparelho cuidado, em *opus quadratum* e com recurso pontual a silhares almofadados (Moita e Leite, 1986, p. 64), tinham genericamente três metros de largura. Em alguns casos, terão atingido os 5 metros de espessura, através do parcial adossamento deste muro à muralha alto-imperial, como foi detetado nos antigos “Armazéns Sommer” (Gaspar e Gomes, 2017a, p. 104) e também junto à Porta de Alfama (Man, 2008, p. 287). Para além disso, o sistema era reforçado com torres semicirculares, identificadas junto à porta de Alfama (Pimenta, Calado e Leitão, 2005, p. 318) e no paramento da Casa dos Bicos (Filipe *et al.*, 2016, p. 442). Neste último caso, salienta-se o enrocamento interno da torre realizado com grandes blocos soltos que foram atirados para o interior do espaço, o qual foi depois colmatado com sedimentos.



FIG. 3

Inscrição funerária de *Tessodis*. Procedente da intervenção arqueológica do Largo dos Condes de Penafiel, em 1993. Museu de Lisboa – Palácio Pimenta. MC.ARQ.0236
(© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

Este facto corrobora a rapidez com que se definiu e implementou o projeto da muralha e que está na origem da incorporação de materiais pétreos procedentes de outros edifícios nesta grande empreitada. É possível que algumas edificações de onde se extraíram estes elementos já se encontrassem desativadas, ou que fosse esse o seu destino natural, porque a sua existência era conflituante com a nova muralha.

A cerca não foi o último grande monumento romano da cidade. Como se disse, em

paralelo registou-se a construção do circo (Vale e Fernandes, 1997; Vale, Fernandes e Loureiro, neste volume). Com base nas séries cerâmicas, resgatadas arqueologicamente entre 1995 e 1997, foi possível balizar a construção deste monumento entre a segunda metade do século III e o início da centúria seguinte (Sepúlveda *et al.*, 2002, p. 259). Praticamente ao mesmo tempo que a cidade se muralhava e protegia os seus principais habitantes no interior de altos muros, materializava-se na zona periurbana um dos mais



FIG. 4

Imposta identificada na intervenção arqueológica do Largo do Correio-Mor, em 1993. Atribuível ao templo de época visigótica que antecedeu a igreja baixo-medieval de São Mamede. Museu de Lisboa – Teatro Romano. ML.ARQ.1104 (© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

inequívocos sinais de romanidade, opção que ilustra não só a vitalidade urbana neste período, como a plena integração da comunidade urbana de *Olisipo* num estilo de vida tardo-romano.

A edificação do circo foi acompanhada por outros sinais de romanidade, como a reconstrução das termas dos Cássios, promovida no ano 336 pelo governador provincial *Numerius Albanus* (Silva, 1944, pp. 48 e 114-115; Encarnação, 2009). As termas situavam-se no limite ocidental da cidade muralhada e a sua reformulação atesta a presença de uma classe dirigente ainda fortemente identificada com formas de vida imperiais. De acordo

com Rodrigo Banha da Silva, nesta reforma do edifício ter-se-ão reaproveitado materiais procedentes do *forum*, como inscrições e bases de colunas. Mais uma vez, não há certificação arqueológica desta hipótese, uma vez que se desconhece a localização desta praça pública. Não nos parece que esta se situasse a um nível inferior às termas e nas suas imediações. Continuamos a pensar que a plataforma superior ao teatro seria o local mais indicado para a sua localização, embora várias praças pudessem ter existido. Não é, pois, linear que se estivesse já então a proceder ao desmantelamento do *forum*, sendo mais forte a hipótese de se ter aproveitado a ocasião para uma

reforma do centro citadino. A reforma das termas evidencia ainda uma certa vitalidade da antiga oligarquia olisiponense, decerto mais propagandística que real. A inscrição que refere que o edifício termal teria sido “renovado desde os alicerces” (*renovatæ a solo*) (Silva, 1944, n.º 22), sublinha um carácter autopromocional mais que uma realidade construtiva deveras efetiva.

Revistos os dados conhecidos para os inícios do século IV d.C., reforça-se o sentimento ambivalente com que se vem caracterizando as primeiras grandes alterações na fisionomia da cidade romana. A muralha foi um elemento de radical mudança na superfície e na silhueta da urbe. Mas a sua construção não certifica uma certa decadência urbana, nem denuncia um linear enfraquecimento demográfico de *Olisipo*. Pelo contrário, são mais fortes os vínculos a uma forma de vida plenamente imperial. Alguns dos principais cidadãos lisboetas viram cortadas as suas casas na primeira linha frente ao Tejo, e quebraram-se mesmo antigos acessos entre a cidade e o seu rio, mas ao mesmo tempo avançava-se para a construção do circo e para a reforma das termas dos Cássios.

Será preciso esperar cerca de um século para se identificarem sinais mais inequívocos de desestruturação da cidade romana. A partir de meados do século V as termas perderam a sua função original. Quanto ao teatro, uma releitura recente dos dados arqueológicos permite suportar a hipótese de abandono apenas adiantado o século V ou já mesmo na centúria seguinte (Fernandes, Calado e Grilo, no prelo). Neste caso, a perda de função parece ter sido paulatina, correspondendo mais a alterações de gosto e menos a uma abrupta destruição. Por todo o império, a alteração dos costumes e a miscigenação social propiciou novos desportos e divertimentos e, em 357, Constâncio II introduziu no circo máximo de Roma um novo obelisco, após o colapso parcial da anterior estrutura. Os últimos

jogos aqui realizados registam-se no ano 549 (Fauquet, 2016, p. 48) e o circo de Constantinopla perdurou até ao século XIII. Outras privatizações de espaço público registaram-se na via secundária do claustro da Sé, onde algumas casas cresceram à custa da desativação da rua, porém mantendo o pavimento lajeado original (Gaspar e Gomes, 2017b). Fora do perímetro muralhado, no seu setor ocidental, áreas anteriormente urbanizadas parecem ter sido abandonadas e evoluído para uma crescente ruralização ao longo da alta Idade Média (Silva e Man, 2012, p. 397).

Os dados proporcionados pelas escavações no teatro, termas dos Cássios e claustro da Sé de Lisboa sugerem um aumento populacional dentro das muralhas, em consequência de possíveis reconfigurações demográficas no interior de uma cidade que, paulatinamente, deixava de ser romana e passava a ser medieval. Nessa mudança de tempo histórico identificam-se importantes mutações mentais e sociais, que estão finalmente na génese da rutura do mundo romano. Na Lisboa do século V, já politicamente vinculada a suevos e a visigodos, os cidadãos perderam o hábito de frequentar as termas e de verem e serem vistos nas bancadas do teatro. No entanto, esses anteriormente emblemáticos equipamentos não parecem ter sido simplesmente abandonados; antes foram ocupados por novos residentes, sintoma de que a cidade mantinha a sua atratividade como centro urbano, a ponto de ver crescer o seu parque habitacional.

Foi também no século V que se registou um último aspeto da desestruturação da vitalidade romana da cidade: o abandono das unidades de transformação de produtos piscícolas, situadas ao longo da frente ribeirinha. O número e a concentração de tanques de salga de peixe nesta zona da cidade continua a impressionar, o que assegura a esta atividade o estatuto de mais importante fileira económica e industrial da cidade tardo-antiga.

Até há pouco tempo, situava-se o abandono generalizado destas unidades produtivas nos inícios do século V, coincidentes genericamente com o fim do vínculo imperial da cidade e a passagem de poder para suevos e visigodos. Para as cetárias da rua dos Fanqueiros e as situadas entre as ruas da Madalena e de São Julião, recentes abordagens apontaram para uma laboração até aos meados ou à segunda metade do século V (Diogo e Trindade, 2000, p. 185; Bugalhão, 2001, pp. 174-175; Amaro, Manso e Sepúlveda, 2013, p. 757). E na grande unidade transformadora identificada na Casa do Governador da Torre de Belém, um tanque pode ter estado em atividade até ao século VI. No interior dessa cetária surgiu uma moeda bizantina do tempo do imperador Justiniano, embora numa unidade estratigráfica posterior ao final de laboração desta fábrica, num contexto sobreposto aos vestígios do derrube de telhado que protegia o tanque (Fabião, 2009, p. 26; Filipe, 2017, p. 119).

Apesar das dificuldades em afinar cronologias para o fim destas muitas unidades de transformação de produtos piscícolas, parece evidente que nem todas foram desativadas ao mesmo tempo. Pelo contrário, cada vez mais se assume que esta rentável atividade de natureza essencialmente exportadora deve ter convivido com os senhores suevos e visigodos da cidade.

A perspetiva evolutiva que acabámos de traçar alicerça-se em dados necessariamente fragmentários. Apesar das muitas intervenções arqueológicas realizadas no centro histórico de Lisboa e da publicação de parte importante dos resultados dessas ações, é ainda escasso o conhecimento acerca dos derradeiros ambientes romanos e dos primeiros alto-medievais.

Uma das dimensões sobre a qual pouco ou nada se sabe é o destino dado aos antigos templos romanos de *Olisipo*. Uma tendência historiográfica tem assumido o aparecimento de inscrições consagradas a divindades

como indício seguro da existência de templos (Silva, 1944, pp. 51-53 e 219; Moita e Leite, 1986, p. 65), mas, na verdade, o único exemplo com comprovação arqueológica é o possível edifício de culto encontrado junto ao teatro romano. Ainda que não seja possível esclarecer a sua planta, possuía tanque (entulhado nos finais do século I, ou já na centúria seguinte) e o seu pavimento, datável de meados do século I, foi realizado em *opus sectile* e integrava um curioso motivo geométrico que o aproxima do pavimento da *orchestra* do teatro (Fernandes e Grilo, 2019).

Algumas inscrições romanas parecem ter “monumentalizado” portas da Cerca Velha, designadamente as Portas do Sol (Moita e Leite, 1986, p. 64) e a Porta do Ferro, as duas principais passagens no sentido Este-Oeste do urbanismo tardo-romano de *Olisipo*. Neste último local, quando se demoliu o arco no século XVIII, foram identificadas dezenas de epígrafes (Silva, 1989, pp. 88-90), número que verdadeiramente impressiona e que só se pode explicar também pela inclusão de lápides funerárias como material de enchimento dos muros. Uma terceira passagem, a porta da Alfafa, tinha também inscrições romanas reaproveitadas (Silva, 1939, pp. 67; Moita e Leite, 1986, p. 64). Não é possível esclarecer se a incorporação destas epígrafes foi feita na mesma época em que se construiu a muralha, embora se tenha provado que parte do material pétreo incluído nos muros da cerca tenha provindo das necrópoles ocidental e oriental.

Ainda que sejam sugestivos os indicadores que apontam para uma lenta incorporação de inscrições nas portas da muralha durante a época moderna, fruto de um tempo de fascínio pela cultura clássica, de culto pela relíquia do passado e de certificação da antiguidade da cidade – recorde-se a inclusão das lápides que aludiam ao templo de Cíbele no prédio sito na esquina entre a Rua da Madalena e a Travessa do Almada (Moita e Leite, 1986, p. 62) – não é de descartar que parte deste espólio tenha



FIG. 5

Imposta procedente da intervenção arqueológica na Rua de São Mamede, n.º 9, em 2011. Em depósito no Museu de Lisboa – Teatro Romano. ML.DEP.0012 (© José Avelar - Museu de Lisboa / EGEAC).

sido incluído logo em época tardo-romana, ou pouco depois. Faltam, todavia, indícios mais seguros sobre a posição das epígrafes nas muralhas: se colocadas de forma visível para verdadeiramente monumentalizar, pela antiguidade, as respetivas portas da cidade, ou se incluídas nos muros como material de enchimento, mesmo que eventualmente nos cunhais, para aproveitar o facto de algumas destas lápides terem já arestas talhadas.

Menos elucidativas parecem ser as inscrições reaproveitadas nas muralhas do castelo e nas construções da alcáçova, processo que pode corresponder já a âmbitos mais tardios e plenamente medievais. A maior parte das epígrafes recolhidas por Augusto Vieira da Silva, ainda na primeira metade do século XX, apresentava deficiente estado de conservação, o que certifica a sua reutilização sobretudo como material de enchimento de muros. Por outro lado, parece não haver coincidência geográfica deste espólio com os seus âmbitos originais, devendo antes proceder de diferentes pontos da cidade e em contextos

diferenciados de reutilização (Guerra, 2006, p. 277). Este processo, que parece ter começado logo em época muçulmana - com a reutilização da inscrição funerária de Licina Mela, aproveitada pelo governador muçulmano de Lisboa para celebrar a *restauração da cidade de Al-asbuna* empreendida em 985 pelo califa reinante Hisham I e pelo seu hágibe, o todo-poderoso al-Mansur (Barceló, 2013, p. 172) -, continuou nos séculos seguintes, quer nas muralhas, quer em outros âmbitos ocupacionais, como se comprovou na escavação da Praça Nova do Castelo, onde numerosas epígrafes sepulcrais surgiram reaproveitadas em ambientes medievais, muçulmanos ou já cristãos (Guerra, 2006, pp. 284 e 287-288).

A emergência de uma nova paisagem urbana

Em paralelo com a desestruturação da cidade romana, outra cidade surgiu: a medieval. Nos



FIG. 6

Fragmento de capitel ou de cancela, incorporado nos muros do Castelo de São Jorge
(© Susana Serra - Castelo de São Jorge / EGEAC).

primeiros tempos de constituição desta renovada ordem urbana impuseram-se as marcas de progressão do Cristianismo, lentamente fixada como religião dominante no antigo império romano. Conhece-se ainda pouco acerca da implantação plenamente cristã na topografia de *Olisipo*, sendo para já evidente que os dados documentais e cronísticos – a maior parte deles produzidos em ambientes muito posteriores aos acontecimentos que evocam – raras vezes têm encontrado certificação arqueológica. Como se indicou noutra parte do projeto *Lisboa Romana*, não se detetaram, até ao momento, vestígios associados ao bispo *Potamius* (primeiro prelado conhecido da cidade) e são tardios os elementos materiais associados ao sítio de Santos-o-Velho (Fernandes, 2020).

É interrogante o silêncio que persiste sobre a comunidade cristã lisboeta até ao século VI. Depois do impacto internacional do bispo *Potamius*, protagonista efémero do debate

doutrinal entre arianos e nicenos que animou a hierarquia religiosa cristã no século IV, só existem dados mais seguros acerca da vitalidade episcopal olisiponense bem avançado o governo visigótico da cidade. Este facto é ainda mais estranho quando comparado com as precoces evidências de implantação do cristianismo em outras cidades do ocidente peninsular.

Em Mérida, a comunidade cristã parece ter-se organizado logo na segunda metade do século III (Arce, 2002, p. 33). Na centúria seguinte, a cidade registou uma intensa vitalidade urbanística de sentido tardo-romano, com restauro de vários edifícios públicos e o engrandecimento de algumas residências. Como em *Olisipo*, também em *Augusta Emerita* se detetaram fenómenos de privatização de antigos espaços públicos em benefício da ampliação de âmbitos residenciais (Alba, 2002). As mais antigas marcas físicas do cristianismo parecem datar do século

IV e associam-se à construção da basílica de Santa Eulália (Mateos Cruz, 1995, p. 130), sendo possível seguir, em paralelo, a progressão da nova religião quer em âmbitos residenciais privados – pelo aparecimento de uma superfície mural decorada com *crismon* num pequeno aljibe que servia uma casa situada junto à porta nordeste da cidade, precisamente aquela mais próxima da basílica consagrada à mártir Eulália (Heras Mora, 2015, p. 517) –, quer porventura com a construção de uma primeira igreja catedral – a confirmar-se que a inscrição datada do ano 388 se relaciona com o principal templo da cidade (Mateos Cruz, 2018, pp. 498-500).

Em Braga, elevada a capital do reino suevo no século V, é possível inferir que uma primeira comunidade cristã estivesse ativa na segunda metade do século IV, pouco anterior à mais antiga referência a um bispo bracaraense: Paterno, prelado que participou no 1.º Concílio de Toledo, realizado no ano 400. Do ponto de vista arqueológico, identificou-se na zona da catedral um grande edifício público de origem romana que pode ter sido adaptado ao culto cristão no século V (Fontes, Lemos e Cruz, 1997-98, p. 140).

Para Conimbriga, os dados conhecidos apontam para a transformação de um espaço residencial privado - a chamada Casa de *Tancinus* - em âmbito religioso cristão somente nos inícios do século V (Man, 2006, p. 74; Correia, Man e Reis, 2011, p. 138). Outros vestígios parecem testemunhar a rápida difusão do cristianismo no perímetro urbano, tendo já sido colocada a hipótese de também o cemitério que se detetou no *forum* poder corresponder a um templo cristão edificado no século IV (Man, 2005, VI.3), do qual pode proceder um cunho litúrgico em bronze, cuja cronologia tem sido atribuída ao século VI mas que poderá merecer revisão em futuras abordagens.

Finalmente, em Mértola, a primeira basílica no Rossio do Carmo data da segunda

metade do século V (Macias, 1993, p. 31; Lopes, 2013, p. 175), enquanto que, dentro da urbe murallhada, identificou-se um complexo batismal sensivelmente da mesma época (Macias, 2006, pp. 332-333; Lopes, 2013, p. 183). A comunidade cristã local, todavia, está comprovada antes daquelas construções, possivelmente desde finais do século IV, como se infere da medalha decorada com *crismon* que apareceu numa sepultura de criança na necrópole de São Sebastião da Achada, genericamente considerada anterior ao espólio epigráfico funerário da basílica do Carmo (Lopes, 2013, p. 434).

Ao contrário do panorama traçado para estas cidades, os vestígios até agora identificados em Lisboa não se comparam em monumentalidade e simbolismo e datam, um tanto paradoxalmente, apenas do século VI. A explicação tradicional para este atraso na implantação do cristianismo em *Olisipo* foi já avançada tendo em conta uma caracterização da cidade no século IV como um período de decadência urbana e até de certo isolamento (Caetano, 2007, p. 104). O registo arqueológico, todavia, não admite esta explicação, sendo pelo contrário abundantes os vestígios de dinamismo urbanístico na cidade e alguns sinais de inequívoca romanidade. Como se analisa neste mesmo volume, é elevado o número de elementos arquitetónicos atribuíveis ao século IV, o que até contrasta com períodos anteriores de maior escassez.

Mesmo tendo em conta que o cristianismo não atingiu todas as cidades do ocidente peninsular ao mesmo tempo, nem com a mesma intensidade, Lisboa permanece como um dos últimos âmbitos urbanos desta ampla geografia a manifestar a sua adesão ao cristianismo. Não terá sido, porém, caso único. Os dados conhecidos para Évora, por exemplo, atestam também um relativo atraso da implantação da nova religião naquela cidade. Os mártires eborenses de inícios do século IV não parecem ter tido um templo onde se promovesse o

seu culto (Almeida, 1967, p. 14; Maciel, 1997, p. 33) e, apesar de documentada a diocese desde o concílio de Elvira (celebrado em inícios do século IV e no qual esteve presente o bispo *Quintianus* de *Elbora*), é flagrante a ausência de materiais anteriores ao século VI identificados no perímetro urbano da cidade romana (Wolfram, 2011, p. 33), e que se resumem a um cimácio considerado de época visigótica (Hauschild, 1996, pp. 272-273).

O quadro evolutivo que se acabou de traçar constitui uma conclusão necessariamente provisória, pois os dados disponíveis de caracterização são ainda demasiado fragmentários e localizados. No entanto, e para o caso específico de Lisboa, parece haver uma certa sintonia entre os registos arqueológico e documental, pois os dados mais consistentes sobre a solidez da estrutura eclesiástica olisiponense datam somente da segunda metade do século VI, altura em que o bispo Paulo esteve presente no 3.º Concílio de Toledo, celebrado em 589 (Jorge, 2001, p. 139). Até ao final do domínio visigótico na Península Ibérica, conhecem-se outros dois titulares da cátedra episcopal olisiponense – Goma e Crispim – e há notícia da presença de outros bispos lisboetas em concílios da última fase da monarquia toledana.

Vestígios da progressão do cristianismo no perímetro urbano de Lisboa

No cenário de fragmentação e escassez de vestígios com que se pode, neste momento da investigação arqueológica, caracterizar as mais antigas etapas da afirmação do cristianismo em *Olisipo*, os dados mais consistentes provêm da antiga igreja de São Mamede (FIGS. 1 & 2).

A escavação realizada no Largo do Correio-Mor, em 1993, forneceu diversos materiais atribuíveis ao século VI, datação

aferida pela inscrição funerária de *Tessodis* (FIG. 3) que surgiu no mesmo contexto arqueológico que outras peças associadas àquela igreja alto-medieval. No catálogo da exposição *Lisboa Subterrânea*, esta peça aparece datada do século IV (Diogo, 1994b, p. 232), mas tratou-se seguramente de um lapso do autor e arqueólogo responsável por aquela intervenção, pois o próprio atribuiu-lhe uma cronologia em pleno século VI. Esta inscrição funerária é importante para a história de Lisboa por vários motivos. Em primeiro lugar, por colocar a hipótese de ter existido uma necrópole anexa à primitiva igreja de São Mamede, o que atesta um parcial uso do solo urbano para contextos mortuários. Em segundo lugar, integra um medalhão circular, dentro do qual se inscreveu a fórmula epigráfica *depositio*. Estes elementos, que se repetem em outras inscrições alto-medievais locais, assumem-se como características específicas da epigrafia funerária paleocristã olisiponense e, com grande probabilidade, são o resultado de uma mesma oficina de produção. Finalmente, o nome *Tessodis* admite uma origem grega para esta personagem, constituindo assim mais um indício que vem reforçar os sinais da presença de uma comunidade oriental estabelecida em Lisboa durante parte do governo visigótico da cidade. Sobre este aspeto, foi já realçada a relevância do contributo social de origem grega na cidade durante os primeiros tempos de dominação romana (Encarnação, 2011; Mantas, 2013).

Para além desta epígrafe, a escavação de 1993 forneceu outro registo epigráfico. No Museu de Lisboa – Teatro Romano conserva-se um segundo fragmento, que contém a fórmula inicial *depositio*, neste caso associada a duas aves afrontadas em torno de um ramo de oliveira (Dias e Gaspar, 2006, p. 239). Esta ingénua e esquemática composição constitui o primeiro momento do tema do Paraíso na iconografia lisboeta, através da representação de dois guardiães animalistas da “Árvore da

Vida”, simbologia que teve outros momentos posteriores na história da cidade, sobretudo em contexto moçárabe. Maria Teresa Caetano sugeriu uma datação para esta peça no século V (Caetano, 2006, p. 27), mas é mais natural que pertença à centúria seguinte, em conexão com a tampa de sepultura de *Tessodis* e com o restante material escultórico ali encontrado. Em todo o caso, o sítio revelou uma diacronia material mais lata, o que motiva uma certa insegurança estratigráfica, tendo-se identificado fragmentos cerâmicos de várias épocas e algumas intrusões posteriores (como moedas da plena e baixa Idade Média), as quais colmataram o enchimento de uma fossa que deve ter ocorrido em finais do século VI (Silva e Man, 2012, p. 399). É ainda possível que esta cova artificial tivesse relação com a série de silos medievais identificados na remodelação da rede sanitária da Rua de São Mamede, executada na década de 90 do século XX, mas cujos resultados permanecem por publicar de forma coerente.

Na mesma intervenção surgiram duas impostas de um templo alto-medieval, já anteriormente mencionados (FIG. 4). Tratam-se de peças com pouca qualidade artística e estrutural, realizadas a partir de antigas pedras romanas molduradas, porém retalhadas e afeiçoadas para novas funções em contexto cristão. A decoração é sumária e resume-se a duas faces ornamentadas com uma série de cruzetas diagonais. Este motivo, não sendo para já abundante na produção escultórica cristã da antiga província da *Lusitania*, aparece a decorar o rebordo de uma pia litúrgica de Mérida (Cruz Villalón, 1985, p. 99, est. 195) e surge também num pequeno fragmento de friso identificado no Largo de Santo António, em Lisboa. Esta última peça foi identificada arqueologicamente em 1994 e parece ser o único vestígio de um possível templo cristão que se localizaria dentro da cidade muralhada, nas proximidades da entrada que viria a ser conhecida por Porta

do Ferro (Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 232-233). Ao contrário das impostas de São Mamede, o exemplar recolhido no Largo de Santo António devia corresponder a uma secção de friso, pois o reverso da peça não foi desbastado, certamente para ser incluído na caixa murária de um espaço religioso. As duas impostas resgatadas no largo em frente ao Palácio dos Condes de Penafiel podiam não ser as únicas do templo alto-medieval de São Mamede. Um pouco a ocidente do local escavado em 1993 (Rua de São Mamede, n.º 29) detetou-se uma peça de suporte formalmente idêntica, depositada no fundo de um silo islâmico datado do século XII (Salomé e Calado, 2012, p. 27; Fernandes e Fernandes, 2014, p. 235). Os arqueólogos que a identificaram sugeriram que a peça estaria inacabada. A confirmar-se este dado, é possível que se trate de uma imposta que tenha sido rejeitada em virtude da pouca qualidade para a função para a qual havia sido concebida.

A igreja de São Mamede não foi a única manifestação de progressão do cristianismo em *Olysipona*, nome pelo qual a cidade foi conhecida na alta Idade Média. Na primitiva topografia cristã da cidade deve integrar-se também uma construção religiosa erguida no que restava do teatro romano, ou na área envolvente a este monumento. Esta hipótese alicerça-se na existência de um fragmento de imposta que apareceu num imóvel sito na Rua de São Mamede, n.º 9 (FIG. 5). De acordo com a arqueóloga responsável por aquela intervenção, a peça estava reaproveitada como material de enchimento de um pilar (Prata, 2013, p. 24) e havia já sido reutilizada em época gótica, altura em que a sua face superior foi aproveitada para receber uma inscrição de que resta apenas parte da paginação. A face que recebeu decoração em época visigótica contém um motivo particularmente comum no núcleo emeritense, que María Cruz Villalón associou ao século VI – uma haste de videira que adquire ritmo

sinusoidal, da qual partem folhas em forma de palmeta septifolia (Cruz Villalón, 1985, pp. 264, 374-375 e 427, est. 94, 165, 166 e 212). A qualidade escultórica e compositiva deste fragmento foi já salientada, em particular a harmonia e elegância do tema esculpido e a sua disposição uniforme e previamente desenhada sobre o campo escultórico (Fernandes e Fernandes, 2014, p. 230). Na origem, a peça devia ser decorada em três faces, assim formando uma imposta que recebia o saímel de um arco ou o arranque de uma abóbada.

Apesar de esta ter sido a única imposta decorada resgatada do subsolo do imóvel sito na Rua de São Mamede, n.º 9, é possível que o templo cristão ali construído tivesse outros elementos de suporte. Do mesmo local, procede uma segunda imposta, lisa, que poderia ter idêntica função de suporte de empuxos da cobertura (Fernandes e Fernandes, 2014, p. 229), não obstante parecer inacabada, pois só uma face teve acabamento final.

Do local onde se implanta o Museu de Lisboa – Teatro Romano, procede um novo exemplar, que tem a particularidade de, para a sua realização, ter reaproveitado um elemento anterior, talvez alto-imperial. Talhado em pedra lioz, de cor rosa, uma das suas faces conserva uma moldura simples de cronologia anterior, enquanto a outra face é decorada com um motivo geométrico. Este exemplar pode enquadrar-se cronologicamente entre os séculos IV e VI (Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 227-228).

A desestruturação do teatro romano teve o seu primeiro momento a partir dos séculos V-VI, altura em que parte do antigo monumento foi adaptada a uso residencial (Fernandes, Calado e Grilo, no prelo). Pouco tempo depois, os cristãos de *Olisipo* edificaram ali um templo, a que se podem associar as duas impostas mencionadas e, com grande probabilidade, um conjunto de lucernas datável do século VI (Diogo e Sepúlveda, 2000, p. 155). É ainda válida a hipótese de esse templo ter

estado em atividade após 711, pois conhece-se um fragmento de imposta identificado em 1960 por Irisalva Moita, na Rua da Saudade, n.ºs 18-20 (Moita, 1970a, pp. 57-58). Formal e estilisticamente, esta peça não apresenta analogias nem com o espólio atribuível à época visigótica, nem com o conjunto que tem vindo a ser catalogado como moçárabe, o que sugere a hipótese de ser um notável vestígio de uma época intermédia, possivelmente nos séculos VIII ou IX, admitindo que revela já alguma influência da estética islâmica (Fernandes e Fernandes, 2014, pp. 228-229).

O eixo formado pelos vestígios identificados ao longo da Rua de São Mamede são a principal evidência de uma topografia plenamente cristã na cidade alto-medieval. Mas existem mais locais da cidade que revelaram materiais associáveis a esta fase. Na cerca do atual castelo encontra-se incorporado um fragmento escultórico (Janeiro, 1993, p. 33) que parece ter feito parte de uma cancela ou mesmo de um capitel (FIG. 6). Apesar de bastante fragmentado e erodido, apresenta um repertório decorativo conhecido em época visigótica, com arquinho em forma de pelta, a partir do qual se exhibe um motivo vegetalista que forma uma estilizada haste, da qual brotam folhas. Este tema, até agora inédito em Lisboa, surgiu num fragmento com idêntica composição em Carnaxide, numa intervenção arqueológica de Gisela Encarnação e que se mantém inédito.

No topo da colina genética de Lisboa, os resultados das escavações realizadas nas imediações da igreja de Santa Cruz permanecem também por publicar, onde se incluem peças romanas, alto-medievais e outras relacionadas com a evidência do moçarabismo (Real, 2000, p. 52; Fernandes, 2018, pp. 66-67). Da vizinha Praça Nova procede um fragmento de inscrição funerária de *Basilius*. Desconhece-se quem terá sido e qual a sua relevância na Lisboa do século VI, à parte a sugestão de uma origem oriental, como o

nome indica. Já foi sugerida a hipótese de a epígrafe, realizada com caracteres de grande qualidade, ter-se iniciado pela fórmula olisiponense *depositio* (Guerra, 2006, pp. 290), embora o que resta do letreiro não pareça autorizar essa interpretação, nem a integração do texto em medalhão circular.

Mais invisíveis para a evolução da cidade entre os séculos V e VIII são as zonas central e ribeirinha da cidade. Por contraponto, foi precisamente nestas áreas que mais fragmentos de época moçárabe foram identificados, mas, um tanto paradoxalmente, nem a plataforma onde se construiu a sé românica no século XII, nem os trechos urbanísticos associados ao muro sul da Cerca Velha, têm fornecido materiais para a caracterização da cidade visigótica. A intervenção arqueológica no claustro da sé não revelou materiais associados aos primeiros tempos do cristianismo na cidade, embora tenha contribuído para um maior conhecimento da evolução urbanística tardo-romana e islâmica. O próprio espólio escultórico incorporado em diferentes partes dos alicerces da catedral, tradicionalmente catalogado de época visigótica, tem sido objeto de revisão de sentido moçarabista. Finalmente, na frente ribeirinha, as escavações nos antigos armazéns Sommer forneceram dados para este período, mas relativos a uma comunidade hebraica, tendo-se revelado o mais antigo vestígio judaico em Lisboa: uma matriz sigilar para marcação de pão, datável do século VI.

Dois mosteiros periurbanos

Na lógica de implantação do cristianismo em cidades do antigo império romano do ocidente, foi relevante a edificação de mosteiros e outros lugares de culto em meio periurbano. Esta realidade, que à partida complexifica uma caracterização linear deste tempo entre campo e cidade, amplia também

a identidade destas fundações religiosas. Para além das primeiras basílicas urbanas e das igrejas intramuros, a nova religião teve os seus mártires e os seus precursores, o que determinou a construção de emblemáticos edifícios em locais estratégicos dos territórios polarizados pelas cidades.

Em Lisboa, os lendários mártires olisiponenses Máximo, Júlia e Veríssimo (mortos nas perseguições de Diocleciano em inícios do século IV) foram cultuados no igualmente lendário local onde os seus corpos atirados ao Tejo foram devolvidos pelas águas, no sítio de Santos, onde mais tarde se construiu o mosteiro de Santos (o-Velho). Os mais antigos testemunhos relativos a estes santos são tardios e/ou duvidosos. O registo escrito mais recuado é do século IX (Maciel, 1996, p. 41) e do local procede uma imposta quadrangular cuja cronologia é discutida (Fernandes, 2019). Na arca tardo-gótica onde se conservam as relíquias destes mártires, hoje preservada no mosteiro de Santos-o-Novo, coexistem restos osteológicos de sete indivíduos cujo intervalo cronológico, obtido por radiocarbono, se situa entre os meados do século V e o final do século VI (Antunes e Cunha, 1991, pp. 30 e 35). Estas análises químicas revelaram que as supostas relíquias não podem ser daqueles mártires, mas vieram colocar a hipótese de o culto a estes santos ter sido objeto de uma revitalização em meados do século VI (Gouveia, 2007, p. 398), momento de aparente consolidação do cristianismo na cidade e época a que pertence o mais importante espólio escultórico associável à edificação religiosa. Neste contexto de afirmação da Igreja olisiponense, como argumentou Mário de Gouveia, é natural que as próprias memórias martirológicas da cidade tivessem sido alvo de ressurgimento.

O segundo mosteiro periurbano foi fundado em Chelas, no final de um pequeno esteiro navegável do rio Tejo. O local detinha ancestral importância, pois havia

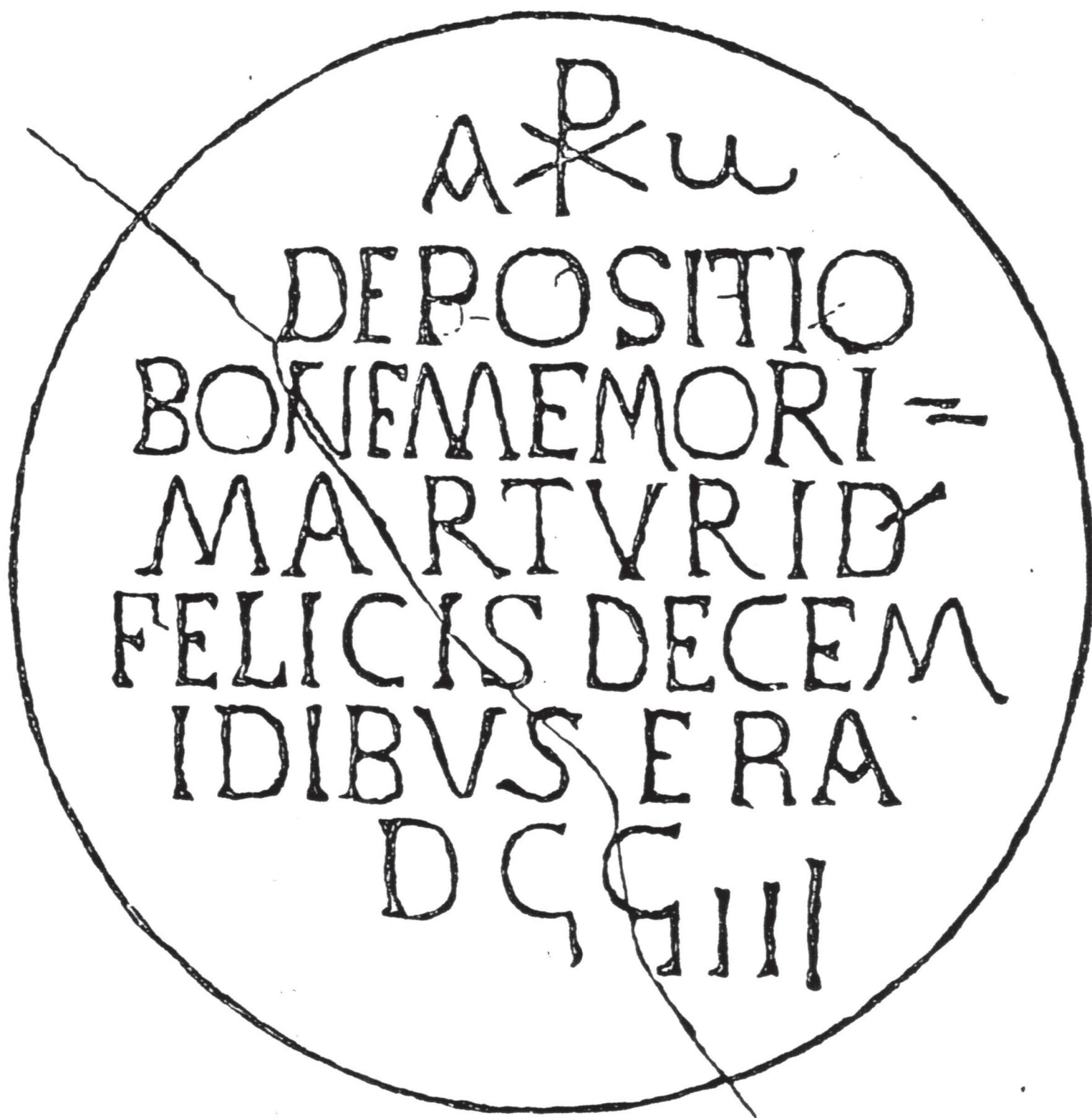


FIG. 7

Reprodução de inscrição funerária de *Marturius*, realizada por Inácio de Vilhena Barbosa, 1864. Procedente do Mosteiro de São Félix de Chelas. Inscrição atualmente desaparecida.

recebido uma ocupação romana à qual se associa lendariamente um templo de vestais (Barbosa, 1864, p. 374). Em época não determinada, mas que a tradição tem relacionado com o reinado do rei Recesvinto (649-672), aqui foram depositadas relíquias de São Félix, outro mártir das perseguições de Diocleciano, decapitado em Girona. Desconhece-se a razão da associação de Chelas a este santo. Rodrigo da Cunha escreveu que o sucesso da trasladação das relíquias de Félix, de Girona para Lisboa, constavam de pergaminhos antigos, mas que tudo havia já desaparecido naquele século XVII (Cunha, 1642, p. 151; Sucena, 2006-2007, p. 171).

Deste local procedem duas inscrições funerárias de época visigótica, uma das quais datada de 571. Trata-se da epígrafe funerária de *Marturius*, mais um notável habitante cristão de Lisboa acerca do qual nada mais se sabe, mas cuja memória fúnebre se associa à de *Tessodis*, uma vez que a epígrafe se inscreve num medalhão e se inicia pelo típico formulário paleocristão olisiponense *depositio* (FIG. 7). Esta peça está tradicionalmente datada de 665 (Barroca, 2000, vol. 3, p. 31), mas é possível que o segundo C que consta da inscrição possa ser um *episemon* (ς) (Fernandes, no prelo), o que fará recuar a sua datação para 571 e, por outro lado, ampliar os dados de caracterização da comunidade oriental instalada em *Olysipona* durante a monarquia visigótica. A segunda inscrição estava já fragmentada em finais do século XIX, quando foi desenhada por Inácio de Vilhena Barbosa, e não é possível estabelecer a sua cronologia em época visigótica, embora estivesse enquadrada por medalhão e repetisse a fórmula *bonememoria*, que integra também o letreiro fúnebre de *Marturius*.

É escasso o espólio que procede dos dois mosteiros periurbanos de *Olisipo* e que pode ser atribuído à época visigótica. Em relação a estes dois emblemáticos locais, foram mais difundidas as lendas, a maior parte das quais não encontra sustentação na documentação medieval. Em todo o caso, as peças aqui mencionadas e os dados históricos que as contextualizam provam uma relativa vitalidade do culto aos mártires olisiponenses e a São Félix num momento já avançado da monarquia visigótica, coincidente com a afirmação do cristianismo no centro da cidade. A partir do século VI, a urbe deixava definitivamente de ser tardo-romana, para passar a ser alto-medieval.

Referências

- ____ (1892) - *Catalogo do Museu de Archeologia da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*. Lisboa.
- AAVV (1994) - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa.
- AAVV (1995) - *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correios*. Catálogo da Exposição. Lisboa: Fundação Millenium BCP.
- Abascal Palazón, J. M.; Cebrián Fernández, R.; Trunk M. (2004) - Epigrafia, arquitectura y decoración arquitectónica del foro de Segobriga. In Ramallo Asensio, S., coord. - *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de Occidente. Actas del Congreso Internacional celebrado en Cartagena entre los días 8 y 10 de octubre de 2003*. Murcia: Universidad de Murcia, pp. 219-256.
- Acuña Castroviejo, F. (1974) - Mosaicos romanos de Hispania Citerior. III – Conventus Bracarenensis. Separata de *Studia Archaeologica*. Santiago de Compostela-Valladolid. 31.
- Adam, J. P. (1989) - *La construction romaine*. Paris: Ed. Picard.
- Adam, J. P. (1994) - *L'arte di costruire presso i romani. Materiali e tecniche*. Longanesi & C. Milano.
- Aguarod Otal, C. (1991) - *Cerámica romana importada de cocina en la Tarraconense*. Zaragoza: Institución “Fernando el Católico”.
- Alarcão, J. (1982) - O Teatro romano de Lisboa. In *Actas del Simpósio «El Teatro en la Hispania Romana»*. Badajoz: Institución Cultural Pedro de Valência, pp. 287-301.
- Alarcão, J. (1985) - *Introdução ao estudo da casa romana* (Cadernos de Arqueologia e Arte 4) Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Alarcão, J. (1994) – Lisboa romana e visigótica. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 58-63.
- Alba, M. (2002) - Datos para la reconstrucción diacrónica del paisaje urbano de Emerita: las calles porticadas desde la etapa romana a la visigoda. *Memoria, Excavaciones Arqueológicas en Mérida*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 6, pp. 371-396.
- Alexander, M.; Khader, A.; Besrou, S.; Ben Mansour; Soren, D. (1980) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie* Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art. II: 1.
- Alexander, M.; Khader, A.; Soren, D.; Spiro, M. (1994) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis: Institut National du Patrimoine. II: 1.
- Almeida, F. (1966) - Notícias sobre o teatro de Nero, em Lisboa. In *Actas do IV Colóquio Portuense de Arqueologia (Porto, 4 a 6 de Junho de 1965)*. Lvcerna. Porto. 5, pp. 561-571.
- Almeida, F. (1967) - *História da Igreja em Portugal*. 2.^aed.. Porto: Portucalense Editora. 1.
- Almeida, F. (1972) - Parecer hidrogeológico sobre uma sondagem executada no Largo do Chafariz de Dentro para o Metropolitano de Lisboa. *Revista da Faculdade de Ciências*. Lisboa. 2.^a série. C - Ciências Naturais. XVII: 1, pp. 187-196.
- Álvarez Martínez, J. M. (1990) - *Mosaicos Romanos de Mérida: Nuevos Hallazgos* (Monografías Emeritenses 4). Mérida: Ministerio de Cultura.
- Álvarez Martínez, J. M. (1992) - El templo de Diana. Templos Romanos de Hispânia. *Cuadernos de Arquitectura Romana*. Murcia: Universidade de Murcia. 1, pp. 83-93.
- Alves, I. (2010) - *A Terra Sigillata Hispânica da Praça da Figueira*. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova de Lisboa.
- Amaro, C. (1982a) - Casa dos Bicos - Notícia Histórico-Arqueológica. *Revista Arqueologia*. 6, pp. 96-111.
- Amaro, C. (1982b) - Casa dos Bicos - seu historial. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. 0, pp. 15-16.
- Amaro, C. (1983) - XX séculos de Arqueologia e História. In *XVII Exposição de Arte, Ciência e Cultura (Casa dos Bicos)*. Lisboa.
- Amaro, C. (1994) - A Indústria Conserveira na Lisboa Romana. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 76-79.
- Amaro, C. (1995) - Urbanismo tardo-romano no Claustro da Sé de Lisboa. *IV Reunio De Arqueologia Cristiana Hispanica* (28 Setembro a 2 Outubro, 1992 Lisboa). Barcelona: Universitat de Barcelona, pp. 337-342.
- Amaro, C.; Caetano, M. T. (1994) - Breve Nota sobre o Complexo Fabril Romano da Rua Augusta (Lisboa). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 32/33, pp. 283-294.
- Amaro, C.; Gonçalves, C. (2016) – The Roman Figlina at Garrocheira (Benavente, Portugal) in the Early Empire. In Pinto, I. V.; Almeida, R.; Martin, A., eds. - *Lusitanian Amphoræ: Production and distribution*. Roman and Late Antique Mediterranean Pottery. 10, pp. 47-58.
- Amaro, C.; Manso, C.; Sepúlveda, E. (2013) - Complexo industrial romano de preparados de peixe da Baixa. Sua abordagem a partir de dois novos equipamentos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 755-763.
- Amaro, C.; Sepúlveda, E. (2017) - A Presença da ocupação romana no Aljube de Lisboa. In *I.º Encontro de Arqueologia de Lisboa* (Teatro Aberto, 25-28 novembro, 2015). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, pp. 272-284.

- Andreu Pintado, F. J. (2004) - *Munificencia pública en la Provincia Lusitania (siglos I-IV d. C.)*. Zaragoza: Institución «Fernando el Católico» (C.S.I.C).
- Angiolillo, S. (1981) - *Mosaici Antichi in Italia. Sardinia*. Roma: Consiglio Nazionale delle Ricerche.
- Antunes, M. T.; Cunha, A. S. (1991) - *Santos Mártires de Lisboa. Espólio osteológico de Santos-o-Novo*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Arce, J. (2002) - *Mérida tardorromana (300-580)*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- AZEVEDO, L. A. (2017) - *Dissertação Crítico-Filológico-Histórica sobre o verdadeiro anno, manifestas causas, e attendíveis circumstancias da erecção do Tablado e Orquestra do antigo Theatro Romano, descoberto na excavação da Rua de São Mamede perto do Castelo desta Cidade, com a intelligencia da sua Inscricção em honra de Nero, e noticia instructiva d'outras Memorias alli mesmo achadas, e até agora aparecidas. Lisboa, fevereiro de 1807*. Prefácio de Lídia Fernandes em edição fac-similada a partir do original de 1815. Lisboa: Museu de Lisboa - Teatro Romano / Apenas Livros, pp.i-xi.
- Barbosa, I. V. (1864) - Fragmentos de um roteiro de Lisboa (inérito). Arrabalde de Lisboa. Chelas, Charneca e Camarate. *Archivo Pittresco*. Lisboa. 7, pp. 374-376 e 379-382.
- Barceló, C. (2013) - Lisboa y Almanzor (374H. / 985 d.C.). *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 52, pp. 165-194.
- Barrera Antón, J. L. (2000) - La decoración arquitectónica de los Foros de Augusta Emerita. *Biblioteca Archaeologica*. 25. Roma.
- Barrera Antón, J. L. (2014) - Mérida Augustea. *Augusto y Emerita*. Museo Nacional de Arte Romano. Bimilenario Augusto, pp. 47-62.
- Barrera Antón, J. L. (2018) - Estudios sobre la *Scenae Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenae Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 125-153.
- Barroca, M. J. (2000) - *Epigrafia medieval portuguesa (862-1422)*. 4 vols. Lisboa: F.C.G e F.C.T.
- Batalha, L.; Pinheiro, H.; Santos, R. (no prelo) - O Peristilo de uma casa romana no n.º 16 da Rua dos Bacalhoeiros. *X Encuentro de Arqueología del Suroeste Peninsular* (Zafra, 9-11 novembro 2018).
- Becatti, G. (1961) - *Scavi di Ostia. Mosaici e Pavimenti Marmorei*. Vol. IV (2 tomos). Roma: Istituto Poligrafico dello Stato, Libreria dello Stato.
- Beltrán Fortes, J. (1990) - Mausoleos romanos en forma de altar del sur de la Península Ibérica. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 63, pp. 183-226.
- Beltrán Fortes, J. (2004) - *Monumenta Sepulcrales* en forma de altar con *pulvinus* de los territorios hispanorromanos: revisión de materiales y estado de la cuestión. *Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 77, pp. 101-141.
- Bem, T. C. (1755) - *Carta do Padre D. Thomaz Caietano de Bem, Clerigo Regular, a hum seu amigo Ácerca de huns monumentos romanos descobertos no sitio das Pedras Negras*. Apêndice à obra de Oliveira, C. R.: *Summario, em que brevemente se contem algumas cousas assim Ecclesiasticas, como Seculares, que há na Cidade de Lisboa*. Lisboa: na Oficina de Manuel Rodrigues, pp. 153-177.
- Blake, M. E. (1930) - *The Pavements of the Roman Buildings of the Republic and Early Empire*. In *Memoirs of the American Academy in Rome*. Bergamo: American Academy in Rome, Istituto Italiano d'Arti Grafiche. VIII.
- Blanco Freijeiro, A. (1978a) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". I.
- Blanco Freijeiro, A. (1978b) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". II.
- Blázquez Martínez, J. M. (1981) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". III.
- Blázquez Martínez, J. M. (1982) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología "Rodrigo Caro". IV.
- Blázquez Martínez, J. M.; López Monteagudo, G.; Neira Jimenez, M. L.; San Nicolas Pedraz, M. P. (1989) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VIII.
- Blázquez Martínez, J. M.; Mezquiriz, M. A. (com a colaboração de Neira, M. L e Nieto, M.) (1985) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Instituto Español de Arqueología del Consejo Superior de Investigaciones Científicas. VII.
- Bonifay, M. (2004) - Études sur la céramique romaine tardive d'Afrique. Oxford: BAR International Series. 1301.
- Bonneville, J.-N. (1980) - Le monument épigraphique et ses moulurations. *Faventia*. Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona. 2: 2, pp. 75-98.
- Braga, P.; Gimbra, A. (2017) - *Relatório dos Trabalhos de Conservação e Restauro. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros. Conservação e Restauro do Mosaico, Termas Romanas e Forno de Época Contemporânea*. Lisboa: ERA, Arqueologia, S.A. Documento policopiado.
- Branco, F. C. (1961) - Problemas da Lisboa Romana. Vestígios de um cais ou de uma necrópole? *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 91, pp. 61-75.
- Brazuna, S. (2005) - *Relatório de Trabalhos Arqueológicos - Minimização de Impactes, Lisboa, Rua da Saudade, n.º 2 (Lisboa)*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- Bugalhão, J. (2001) - *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros* (Trabalhos de Arqueologia 15). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Bugalhão, J. (2003) - Mandarim Chinês, Lisboa - Contextos romanos. In *Actas do Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Museu Municipal de Arqueologia da Amadora, pp. 227-146.
- Bugalhão, J. (2009) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Ed. Fundação Millennium BCP.

- Bugalhão, J. (2017) - O eixo viário ocidental de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 120-123.
- Bugalhão, J.; Arruda, A.; Sousa, E.; Duarte, C. (2013) - Uma necrópole na praia: O cemitério romano do núcleo arqueológico da Rua dos Correeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 243-275.
- Bugalhão, J.; Nunes, A.; Gomes, A. S.; Grilo, C.; Fernandes, L.; Fernandes, I.; Cachão, M.; Costa, A. M.; Freitas, M. C.; Gabriel, S.; Currás, A. (no prelo) - Mosaico romano do NARC, Lisboa: estrutura construtiva, materiais e estratigrafia. In *II Encontro de Arqueologia de Lisboa, Teatro Aberto, 22 - 24 de Março de 2018*. Lisboa: Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal de Lisboa.
- Bustamante Álvarez, M. (2011a) - *La cerámica romana en Augusta Emerita en la época Altoimperial: entre el consumo y la exportación*. Mérida: Asamblea de Extremadura.
- Bustamante Álvarez, M. (2011b) - Nuevas consideraciones cronológicas en torno a la producción de paredes finas emeritenses. *Zephyrus*. Salamanca: Universidade de Salamanca. LXVII, pp. 161-170.
- Cabaço, N.; Sarrazola, A.; Silva, R. B.; Carvalho, L. M. (2017) - O espaço de necrópole romana das Portas de Santo Antão, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1243-1254.
- Caessa, A.; Nozes, C.; Mota, N. (2016) - Novas descobertas no criptopórtico romano de Lisboa - Rua da Conceição, 75-77 (Santa Maria Maior) - 1.ª Fase. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 20, pp. 220-221.
- Caetano, M. T. (no prelo) - *Mosaico de Afrodite - Eurostars Museum Hotel Lisboa (Antigos Armazéns Sommer)*.
- Caetano, M. T. (1997) - *Musivária Olisiponense. Estudo dos Mosaicos Romanos de Olisipo e da "Zona W" do Ager*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Caetano, M. T. (2001) - Mosaicos Romanos de Lisboa - A Baixa Pombalina. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 40, pp. 65-82.
- Caetano, M. T. (2006) - Mosaicos de *Felicitas Iulia Olisipo* e do seu Ager. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 23-35.
- Caetano, M. T. (2007) - O Último porto de Ulisses: história, urbanismo e arte de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista de História da Arte*. Lisboa: Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 2, pp. 55-117.
- Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da Finisterra Ocidental - a *Villa* de Santo André de Almoçageme. In *X Colóquio Internacional para o Estudo do Mosaico Antigo (AIE-MA)*. Conímbriga: Instituto de Museus e da Conservação/Museu Monográfico de Conímbriga, pp. 873-887.
- Caetano, M. T. (2014) - A "proto-indústria" do mosaico romano. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 207-219.
- Caetano, M. T. (2017) - "Pontilhismo e descontinuidade": os mosaicos pavimentais romanos de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos nossos pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 112-115.
- Calvino, I. (1996) - *As Cidades Invisíveis*. 2.ª Edição. Editorial Teorema.
- Cardoso, G. (2013) - Cerâmicas de imitação de *sigillata* tardia das *villae* de Freiria e de Sub-Serra de Castanheira do Ribatejo. *Ex Officina Hispana. Cuadernos de la Secah*. I, pp. 191-204.
- Carlos Márquez (1993) - *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patricia*. Córdoba.
- Carlos Márquez (1998) - *La decoración Architectónica de Colonia Patricia - una aproximación a la arquitectura y urbanismo de la Córdoba Romana*. Córdoba: Obra Social y Cultural Cajasur.
- Carneiro, A.; Sepúlveda, E. (2004) - *Terra sigillata* hispânica tardia do concelho de Fronteira: exemplares recolhidos entre 1999 e 2003. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 7: 1, pp. 435-458.
- Carvalhinhos, M.; Mota, N.; Miranda, P. (2017) - Indagações arqueológicas na muralha antiga de Lisboa: o lanço oriental entre a Alcáçova do Castelo e o Miradouro de Santa Luzia (Santa Maria Maior, Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 298-336.
- Carvalho, A.; Freire, J. (2011) - Cascais y la Ruta del Atlántico. El establecimiento de un puerto de abrigo en la costa de Cascais. Una primera propuesta. In Nogales Basarrate, T.; Rodà, I., eds. - *Roma y las provincias: modelo y difusión Hispania Antigua* (Serie Arqueológica 3). Roma: L'Erma di Bretschneider. II, pp. 727-735.
- Castilho, J. (1937) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. 2.ª edição. Lisboa: Câmara Municipal. X, pp. 25-26.
- Castilho, J. (1939) - *Lisboa Antiga. Bairros Orientais*. Lisboa: Câmara Municipal. I.
- Choisy, A. (1909) - *Traduction commentée et illustrée de dix livres*. Paris: Lahure.
- Coelho, A. B. (2008) - *Portugal na Espanha Árabe*. 3.ª Edição, revista. Lisboa: Editorial Caminho.
- Coelho, C. (2002) - Estudo preliminar da pedreira romana e outros vestígios identificados no sítio arqueológico de Colaride. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. 5: 2, pp. 277-323.
- Correia, V. H.; Man, A.; Reis, M. P. (2011) - A propósito de uma obra recente sobre o período tardo-antigo e medieval em Conímbriga. *Conimbriga*. Coimbra: Centro de Arqueologia da Universidade de Coimbra. 50, pp. 127-146.

- Costa, F. B.; Carvalho, P. S., eds. (2017) - *31 Cordon Lisboa. Um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas.
- Cruz Villalón, M. (1985) - *Mérida visigoda. La escultura arquitectónica y litúrgica*. Badajoz.
- Cunha, R. (1642) - *Historia ecclesiastica da Igreja de Lisboa*. Lisboa: Manoel da Sylva.
- Dias, M. I.; Trindade, J.; Fabião, C.; Sabrosa, A.; Bugalhão, J.; Raposo, J.; Guerra, A.; Duarte, A.; Prudêncio, M. I. (2012) - Arqueometria e o estudo das ânforas lusitanas: o caso do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, (Lisboa) e de centros produtores do Tejo. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras. 19, pp. 57-70.
- Dias, M. M. A.; Gaspar, C. (2006) - *Catálogo das inscrições paleocristãs do território português*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Diogo, A. M. D.; Sepúlveda, E. (2000) - As lucernas das escavações de 1989/1993 do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 153-161.
- Diogo, A. M. D. (1987) - Quadro tipológico das ânforas de fabrico lusitano. *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 5, pp. 179-191.
- Diogo, A. M. D. (1993) - O teatro romano de Lisboa. Notícia sobre as actuais escavações. *Teatros Romanos de Hispânia. Cuadernos de Arquitectura Romana*. Múrcia: Universidade de Múrcia. 2, pp. 217-224.
- Diogo, A. M. D. (1994a) - A Península de Lisboa entre o Norte atlântico e o Oriente mediterrânico - Fragmento de sepultura paleocristã. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, p. 232.
- Diogo, A. M. D. (1994b) - Fragmento de sepultura paleocristã (entrada de catálogo). In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 231-232.
- Diogo, A. M. D. (2000) - As ânforas das escavações de 1989/93 do Teatro Romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 163-179.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (1999) - 275 - Homenagem a L. Cornelius Bocchus encontrada nas Termas dos Cássios, Lisboa. *Ficheiro Epigráfico*. Coimbra: Universidade de Coimbra. 60.
- Diogo, A. M. D.; Trindade, L. (2000) - Vestígios de uma unidade de transformação do pescado descobertos na Rua dos Fanqueiros, em Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 3: 1, pp. 181-205.
- Duarte, A.; Santos, V. (2003) - A Barreira do Circo de Olisipo. *Actas do 4.º Encontro de Arqueologia Urbana*. Amadora: Câmara Municipal da Amadora, pp. 177-186.
- Duby, G. (1980) - *Histoire de la France urbaine*. Paris: Ed. Seuil.
- Duliere, C. (1974) - *Corpus des Mosaiques de Tunisie*. Tunis: Institut National d'Archéologie et d'Art: I. 2..
- Durán Cabello, R.-M. (2004) - *El Teatro y Anfiteatro de Augusta Emerita - Contribución al conocimiento histórico de la capital de Lusitania*. Oxford: BAR International Series. 1207.
- Encarnação, J. (1973) - *Jornal da Costa do Sol*. Ano X, n.º 489, 1 de setembro.
- Encarnação, J. (2009) - As termas dos Cássios em Lisboa: ficção ou realidade. *Lusitânia Romana entre o Mito e a Realidade. Actas da VI Mesa-Redonda Internacional sobre a Lusitânia Romana*. Cascais, pp. 481-493.
- Encarnação, J. (2011) - Da onomástica grega na Lusitânia romana. In Tacla, A. B., org. - *Uma trajetória na Grécia antiga. Homenagem a Neyde Theml*. Rio de Janeiro, pp. 301-312.
- Endovélico, Sistema de Informação e Gestão Arqueológica [em linha]. [Consult. Nov. 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios>).
- Fabião, C. (1994) - O monumento romano da Rua da Prata. In Arruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Exposição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 67-69.
- Fabião, C. (2004) - Centros oleiros da Lusitânia: balanço dos conhecimentos e perspectivas de investigação. In Bernal Casasola, D.; Lagóstena Barrios, L., eds. - *Figlinae Baeticae. Talleres alfareros y producciones cerámicas en la Bética romana (ss. II a.C. - VII d.C.): actas del Congreso Internacional, Cádiz, 12-14 de noviembre de 2003*. Oxford: BAR International Series. 1266, pp. 379-410.
- Fabião, C. (2009) - O Ocidente da Península Ibérica no século VI: sobre o *pentanummius* de Justiniano I encontrado na unidade de produção de preparados de peixe da Casa do Governador da Torre de Belém, Lisboa. *Apontamentos de Arqueologia e Património*. Lisboa: Era, Arqueologia. 4, pp. 25-50.
- Fabião, C. (2010) - Modelos forenses nas cidades da Lusitânia: Balanço e perspectiva. In Nogales Basarrate, T., ed. - *Cuidad y Foro en Lusitanea Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 343-359.
- Fabião, C. (2013) - Escavando entre papéis: sobre a descoberta, primeiros desaterros e destino das ruínas do teatro romano de Lisboa. In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras de Lisboa, pp. 389-409.
- Faria, A. (2001) - *Pax Iulia, Felicitas Iulia, Liberalitas Iulia*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 4: 2, pp. 351-362.
- Fauquet, F. (2016) - Le cirque romain. Essai de theorization de sa forme et ses fonctions. Dissertação de Doutoramento. Disponível em WWW: (URL: <https://hal.archives-ouvertes.fr/tel-01264141/document>).
- Fernandes, L. (no prelo) - *El post scaenium* del teatro romano de Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa. In *Actas del Symposium Internacional La porticus post scaenam en la arquitectura teatral romana (Cartagena, 19 y 20 de octubre de 2018)*.
- Fernandes, L. (1996) - Sobre um Capitel de ara do Palácio Fronteira. In *Miscellanea de Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 170-188.

- Fernandes, L. (1997) - *Capitéis Romanos da Lusitânia Ocidental*. Dissertação de Mestrado. Departamento de História de Arte / Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (1998) - Elementos arquitectónicos de época romana do concelho de Loures. *Da Vida e da Morte: os Romanos em Loures*. Loures: Museu Municipal. pp. 93-105.
- Fernandes, L. (1999) - Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 38, pp. 113-135.
- Fernandes, L. (2001) - Capitéis do Teatro Romano de Lisboa. *Anais - Revista del Museo Nacional de Arte Romano*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 14, pp. 29-51.
- Fernandes, L. (2002) - Sobre dois capitéis de Lisboa. *Conímbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 41, pp. 237-256.
- Fernandes, L. (2004) - Decoração arquitectónica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21-36.
- Fernandes, L. (2004-2005) - As bases de coluna nos desenhos dos séculos XVIII e XIX do Teatro romano de Lisboa. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 56-57, pp. 83-94.
- Fernandes, L. (2005) - *Relatório Final da Intervenção Arqueológica da Desmontagem de Muro Sobreposto às bancadas do Teatro Romano*. Intervenção de 2004. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, Divisão de Museus e palácios - Museu da Cidade. Relatório entregue ao Instituto Português de Arqueologia. Documento policopiado.
- Fernandes, L. (2006) - O Teatro de Lisboa - intervenção arqueológica de 2001. In *III Jornadas Cordobesas de Arqueologia Andaluza - Los Teatros Romanos de Hispânia* (Córdoba, 12-15 novembro 2002). Córdoba, pp. 181-204.
- Fernandes, L. (2007a) - A decoração de época romana do *municipium Olisiponense*: a propósito de alguns elementos arquitectónicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. Série 4. 25, pp. 291-336.
- Fernandes, L. (2007b) - Teatro romano de Lisboa - os caminhos da descoberta e os percursos da investigação arqueológica. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15, pp. 27-39.
- Fernandes, L. (2009) - Capitel das *Thermæ Cassiorum* de *Olisipo* (Rua das Pedras Negras, Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 12: 2, pp. 191-207.
- Fernandes, L. (2011) - A decoração arquitectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 14, pp. 263-311.
- Fernandes, L. (2012) - A decoração arquitectónica de época romana: aspectos de centralidade / descentralidade na região ocidental da província da Lusitânia. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 131-148.
- Fernandes, L. (2013) - Teatro Romano de *Olisipo*: a marca do novo poder romano. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 765-773.
- Fernandes, L. (2014a) - The production of architectural elements in the city of *Felicitas Iulia Olisipo* (Lisbon): the capitals. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Besarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1435-1437.
- Fernandes, L. (2014b) - Capitéis de São Miguel de Odrinhas: sobre a decoração arquitectónica em época romana. *Tritão - Revista de História, Arte e Património* [em linha]. Sintra: Câmara Municipal de Sintra. 2, pp. 1-33. Disponível em WWW: (URL:revistatritao.cm-sintra.pt).
- Fernandes, L. (2016) - *Viagem ao Passado Romano da Lusitânia*. Lisboa: Esfera dos livros.
- Fernandes, L. (2017a) - Aspectos construtivos do teatro romano de Lisboa: matérias primas e técnicas edificativas. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1265-1278.
- Fernandes, L. (2017b) - Museu de Lisboa - Teatro Romano: um museu e um monumento romano na cidade. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coord. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 193-211.
- Fernandes, L. (2017c) - Soluções de pavimentação no teatro romano de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 100-103.
- Fernandes, L. (2018) - O teatro romano de Lisboa e a utilização da água como recurso decorativo de encenação de poder. *Aqva sobre Água*. Catálogo da exposição, Museu de Lisboa - Teatro Romano, 29 setembro 2018 - 20 janeiro 2019. Lisboa: EGEAC, EM / Museu de Lisboa - Teatro Romano, pp. 24-39.
- Fernandes, L. (2020) - *El post scaenium* del teatro romano de *Felicitas Iulia Olisipo / Lisboa*. Ramallo Asensio, S. F., Ruiz Valderas, E., edfs. cient. - *La porticus post scaenam en la Arquitectura Teatral Romana* (Cartagena, 19-20 de octubre de 2018). *Actas del Symposium Internacional*. Murcia: Universidad de Murcia, Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp.231-240
- Fernandes, L. (2019) - *Caius Heius Primus*. Formas de poder na elite de *Felicitas Iulia Olisipo*. In Caessa, A.; Campos, R., coords. - *Lisboa Romana - Felicitas Iulia Olisipo. Os Monumentos Epigráficos*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 86-99.
- Fernandes, L.; Almeida, R. F. (2012) - Um Celeiro da Mitra no Teatro Romano de Lisboa: inércias e mutações de um espaço do século XVI à actualidade. In Teixeira, A.; Bettencourt, J., eds. - *Velhos e Novos Mundos. Estudos de Arqueologia Moderna. 1. ArqueoArte. 1*. Lisboa: CHAM-FCSH-UNL/UAç, pp. 111-122.

- Fernandes, L.; Almeida, R. F.; Loureiro, C. (2014) - Entre o teatro romano e a Sé de Lisboa: evolução urbanística e marcos arquitectónicos da antiguidade à reconstrução pombalina. *Revista de História de Arte*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. 11, pp. 19-33.
- Fernandes, L.; Cachão, M.; Fernandes, I.; Pimentel, N.; Ribeiro, M. A. (2019) - Elementos arquitetónicos do Teatro Romano de Lisboa / *Olisipo*: sobre o emprego de estuque e da pedra. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 58, pp. 149-191.
- Fernandes, L.; Caessa, A. (2006-2007) - O *proscenium* do Teatro romano de Lisboa: aspectos arquitectónicos, escultóricos e epigráficos da renovação decorativa do espaço cénico. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 83-102.
- Fernandes, L.; Calado, M.; Grilo, C. (no prelo) - Contextos tardios no teatro romano de lisboa: reconversão de espaços monumentais. In *Encontro Internacional – A Península Ibérica entre os séculos V-X – continuidade, tradição e mudança* (Museu Arqueológico do Carmo, 21-23 março 2019).
- Fernandes, L.; Coroado, J. (2018) - A construção do teatro de *Olisipo*: o estudo das argamassas e a engenharia do monumento romano. *História Antiga: relações Interdisciplinares, Paisagens Urbanas, Rurais & Sociais*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 97-120.
- Fernandes, L.; Coroado, J.; Calado, M.; Costantino, C. (2015) - Ocupação medieval islâmica no Museu de Lisboa - Teatro Romano: o caso do aproveitamento do *post scænium* no decurso do século XII. In *Actas do X Congresso Internacional A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo*. (Silves, Mértola, 22 a 27 de outubro de 2012). Silves, Mértola: Câmara Municipal de Silves, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 509-518.
- Fernandes, L.; Fernandes, P. A. (2014) - Entre a Antiguidade Tardia e a Época Visigótica: novos dados sobre a decoração arquitectónica na cidade de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 17, pp. 225-243.
- Fernandes, L.; Filipe, V. (2007) - Cerâmicas de engobe vermelho pompeiano do teatro romano de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 10: 2, pp. 229-253.
- Fernandes, L.; Grilo, C. (2019) - Um Templo Romano Junto ao Teatro de *Felicitas Iulia Olisipo* / Lisboa? *Al-Madan*, Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 22, pp. 16-22.
- Fernandes, L.; Leitão, M. (2016) - *Relatório Final. Intervenção Arqueológica no Monumento Romano da Rua da Prata Lisboa - Outubro de 1995 e Maio de 1996*. Relatório entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Fernandes, L.; Loureiro, C. C. (no prelo) - As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios. In *“Júlio de Castilho (1840-1919). Sessão evocativa no centenário da sua morte. 11 de fevereiro de 2019*. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- Fernandes, L.; Loureiro, C.; Brazuna, S.; Sarrazola, A.; Prata, S. (2015) - Paisagem urbana de *Olisipo*: fatias da história de uma cidade. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 18, pp. 203-224.
- Fernandes, L.; Marques, A.; Filipe, V.; Calado, M. (2011) - A transformação de produtos piscícolas durante a Época Romana em *Olisipo*: o núcleo da Rua dos Bacalhoeiros (Lisboa). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitetónico e Arqueológico. 14, pp. 239-261.
- Fernandes, L.; Nogales Basarrate, T. (2018) - Teatro Romano de *Olisipo*: programas decorativos teatrais de *Lusitania*. In *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania – Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 432-455.
- Fernandes, L.; Pimenta, J.; Calado, M.; Filipe, V. (2013) - Ocupação sidérica na área envolvente do Teatro Romano de Lisboa: O Pátio do Aljube. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 167-185.
- Fernandes, L.; Sales, P. (2005) - Projecto Teatro Romano, Lisboa – a reconstituição virtual. *Revista Arquitectura e Vida*. Lisboa. 57, pp. 28-32.
- Fernandes, L.; Sepúlveda, E.; Antunes, M. (2012) - Teatro Romano de Lisboa: sondagem arqueológica a sul do monumento e o urbanismo de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 44-55.
- Fernandes, P. A. (no prelo) - *Olisipona*: a cidade entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média. *Nova Lisboa Medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais.
- Fernandes, P. A. (2018) - Sinais de vitalidade cristã sob domínio islâmico: a diocese moçárabe. In Fontes, J. L. I., dir. - *Bispos e Arcebispos de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 61-84.
- Fernandes, P. A. (2020) - O fim de um tempo; o princípio de outro. *Felicitas Iulia Olisipo* entre romanos, bárbaros e cristãos. In Cachão, M.; Freitas, M. C.; Guerra, A., coords. - *Lisboa Romana. Felicitas Iulia Olisipo. O território e a memória*. Lisboa: Caleidoscópio, pp. 140-149.
- Fernández, A.; Morais, R. (2012) - *Terra sigillata* Bracarense Tardia (TSBT). In Bernal Casasola, D.; Ribera i Lacomba, A., eds. - *Cerámicas Hispanorromanas II. Producciones Regionales*. Cádiz: Universidad de Cádiz, pp. 132-174.
- Ficcardori, G. (1983) - Note storiche ai mosaici di Lin (Albania). In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*, Ravenna. I, pp. 185-196.
- Figueiredo, B. (1889) - As termas dos Cassios, em Lisboa. *Revista Archeologica Lisboa*. 3, pp. 149-154.
- Filipe, I. (2017) - Casa do governador da Torre de Belém: uma fábrica de preparados de peixe de época romana na periferia de *Olisipo*. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P.

- A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 118-119.
- Filipe, I.; Fabião, C. (2006-2007) - Uma unidade de produção de preparados de peixe de época romana na Casa do governador da Torre de Belém: uma primeira apresentação. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, 58/59, pp. 103-118.
- Filipe, V. (2005) - Projecto de Alteração e Ampliação do Conjunto Edificado situado na Rua de São João da Praça (n.ºs 28-30) e Beco do Marquês de Angeja. *Relatório Final da Intervenção Arqueológica*. Documento policopiado.
- Filipe, V. (2008) - Importação e exportação de produtos alimentares em *Olisipo*: as ânforas romanas da Rua dos Bacalhoeiros. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 11: 2, pp. 301-324.
- Filipe, V. (2019) - *Olisipo, o grande porto romano da fachada atlântica. Economia e comércio entre a República e o Principado*. Dissertação de Doutoramento em História, na especialidade de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento policopiado.
- Filipe, V.; Calado, M. (2007) - Ocupação romana no Beco do Marquês de Angeja, Alfama: evidências de estruturas termais junto da porta nascente de *Olisipo*. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 15. Adenda electrónica. IX, pp. 1-10.
- Filipe, V.; Quaresma, J.C.; Leitão, M.; Almeida, R. (2016) - Produção, consumo e comércio de alimentos entre os séculos II e III d.C. em *Olisipo*: os contextos romanos da Casa dos Bicos, Lisboa (intervenção de 2010). In Járrega, R.; Berni Millet, P., eds. - *Amphoræ ex Hispania: paisajes de producción y consumo* (Monografías Ex Officina Hispana III). Tarragona: Instituto Catalán de Arqueología Clásica (ICAC/SECAH), pp. 423-445.
- Filipe, V.; Santos, R. (2017) - As termas romanas às portas de Alfama. In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., eds. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 247-253.
- Fontes, L.; Lemos, F. S.; Cruz, M. (1997-98) - «Mais velho» que a Sé de Braga. Intervenção arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar. *Cadernos de Arqueologia*. Braga: Universidade do Minho. Serie II. 14-15, pp. 137-164.
- Fortes, M. L. S. (2009) - *A xestión da auga na paisaxe romana do occidente peninsular*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Santiago de Compostela.
- García y Bellido, A. (1990) - *Arte Romano*. 4.ª ed. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2007) - As Muralhas de *Olisipo*: troço junto ao Tejo. In Rodríguez Colmenero, A.; Rodá Dellanza, I., eds. - *Murallas de ciudades romanas en el occidente del Imperio. Lucus Augusti como paradigma: actas del Congreso Internacional celebrado en Lugo (26-29, XI, 2005) en el V aniversario de la declaración, por la UNESCO, de la muralla de Lugo como Patrimonio de la Humanidad*. Lugo: Museu Provincial, pp. 685-698.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017a) - O espaço público de época romana dos Armazéns Sommer. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 104-105.
- Gaspar, A.; Gomes, A. (2017b) - Pavimentos do espaço público de época romana da Sé de Lisboa. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 116-117.
- Ginouvès, R.; Martin, R. (1985) - *Dictionnaire méthodique de l'architecture grecque et romaine*. Roma: École Française de Rome. I.
- Giuliani, C. F. (1993) - *Ledilizia nell'antichità*. Urbino: NIS.
- Gomes, A. (2004) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A. (2005) - *Armazéns Sommer. Relatório das Escavações Arqueológicas*. Lisboa. Documento policopiado.
- Gomes, A.; Gaspar, A.; Pimenta, J.; Valongo, A.; Mendes, H.; Guerra, S.; Pinto, P.; Ribeiro, S. (2004) - *Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer, Lisboa*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro, Setembro de 2004.
- Gomes, S. M.; Ponce, M.; Filipe, V. (2017) - A Intervenção Arqueológica no âmbito do Projecto de Arquitectura “Apartamentos Pedras Negras” (Lisboa). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 348-365.
- Gonçalves, D.; Duarte, C.; Costa, C.; Muralha, J.; Campanacho, V.; Costa, A. M.; Angelucci, D. E. (2010) - The Roman cremation burials of Encosta de Sant'Ana (Lisbon). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico. 13, pp. 125-144.
- Gonçalves, L. J. R. (2007) - Escultura Romana em Portugal: uma arte do Quotidiano. *Stvdia Lusitana*. Merida: Museo Nacional de Arte Romano. 2.
- Gonzales Fernández, J. (1984) - Nueva Inscripción de un Difusor Olearius en la Bética. In Blázquez Martínez, J. M.; Remesal Rodríguez, J., coords. - *Producción y comercio del aceite en la antigüedad: segundo congreso internacional (Sevilla, 24-28 febrero 1982)*. Madrid: Universidade Complutense, pp. 183-191.
- Gouveia, M. (2007) - O culto dos santos mártires de Lisboa na fronteira ocidental do reino de Leão (século X-XI). In *Lisboa Medieval. Os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 388-399.
- Grilo, C. (2013) - As lucernas do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 16, pp. 277-292.
- Grilo, C. (2014) - As cerâmicas de inspiração de *sigillata* do Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros, Lisboa. Primeira sistematização. In Morais, R.; Fernández, A.; Sousa, M. J., eds. - *As produções cerâmicas de imitação na Hispânia* (Monografías Ex Officina Hispana II). Faculdade Letras da Universidade do Porto. II, pp. 85-98.

- Grilo, C.; Santos, C. (2016-2017) - A cerâmica comum da villa romana de Povos. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 86-115.
- Grimal, P. (2002) - *O Teatro Antigo*. Lisboa: Edições 70.
- Gros, P. (1976) - *Aurea templa: recherches sur l'architecture religieuse de Rome à l'époque d'Auguste*. Roma: École Française de Rome.
- Guerra, A. (2006) - Os mais recentes achados epigráficos do castelo de S. Jorge, Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 9: 2, pp. 271-297.
- Guerra Millán, S.; Collado Giraldo, H.; Pérez Romero, S.; Viola Nevado, M. (2014) - *Metellinum*: síntesis histórica y novedades arqueológicas de esta ciudad romana. In Nogales Basarrate, T.; Pérez del Castillo, M. J.; Aguilar Sáenz, A., eds. - *Ciudades romanas de Extremadura*. Mérida, Badajoz: Museo Nacional de Arte Romano, Departamento de Investigación, pp. 195-221.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (1992) - *Capiteles romanos de la Península Ibérica*. Valladolid: Universidad.
- Gutiérrez Behemerid, M. A. (2004) - Los programas arquitectónicos de época imperial en el *Conventus Clunien-sis*. In Ramallo Ascencio, S., ed. cient. - *La Decoración Arquitectónica en las Ciudades Romanas de Occidente*. Murcia: Universidade de Murcia, pp. 275-292.
- Hauschild, T. (1990) - Das römische Theater von Lissabon, Planaufnahme 1985–1988. *Madri der Mitteilungen*. Mainz. 31, pp. 338-392.
- Hauschild, T. (1994) - O teatro romano de Lisboa. In Ar-ruda, A. M., dir. - *Lisboa Subterrânea - Catálogo da Ex-posição*. Lisboa Capital Europeia da Cultura '94 / Museu Nacional de Arqueologia: Electa, pp. 64-66.
- Hauschild, T. (1996) - Évora. Um cimácio de época visigótica encontrado junto ao templo romano. In Maciel, M. J. dir. - *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*. Lisboa: Colibri, pp. 271-274.
- Hayes, J. (1967) - North Syrian Mortaria. *Hesperia*. Vigo: Universidade de Vigo. 36, pp. 337-347.
- Hayes, J. W. (1972) - *Late roman pottery*. London: The British School at Rome.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017a) - *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Rua do Arsenal N.º 116/ 132, Lisboa*.
- Henriques, R.; Valongo, A. (2017b) - Pintura mural na Travessa do Ferragial, Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1255-1258.
- Heras Mora, F. J. (2015) - Un nuevo documento arqueológico sobre el origen del Cristianismo emeritense. La *domus* de la Puerta de la villa de Mérida. *Mérida, excavaciones arqueológicas*. Mérida: Consorcio Monumental de Mérida. 11, pp. 507-533.
- Heras Mora, F. J.; Macarena Bustamante, A. (2007) - Contribución al estudio de las ánforas tardorrepublicanas del enclave militar de “El Santo” de Valdetorres (Bada-joz, España). *Vipasca. Arqueologia e História*. Aljustrel: Câmara Municipal de Aljustrel. Série. II, pp. 318-324.
- Herculano, A. (1848) - *O monge de Cister*. Lisboa: Bertrand e Filhos.
- Hidalgo Prieto, R. (1991) - Mosaicos com decoracion geometrica y vegetal de la villa romana de El Ruedo (Almedinilla, Cordoba). *Anales de Arqueologia Cordobesa*. Córdoba: Universidad de Córdoba. 2, pp. 325-362.
- Humphrey, J. (1986) - *Roman Circuses. Arenas for Chariot Racing*. Somerset: University of California Press.
- Hyland, A. (1990) - *Equus. The Horse in the Roman World*. B.T. Batsford Lta, Londres.
- Janeiro, H. P. (1993) - *Lisboa. Freguesia do Castelo*. Lisboa: Contexto.
- Janon, M. (1986) - Le décor architectonique de Narbonne. Les rinceaux. *Revue Archéologique de Narbonnaise*. Paris: Université Paul-Valérie. 13.
- Jorge, A. M. (2001) - *Lépiscopat de Lusitanie pendant l'Antiquité Tardive (IIIe-VIIe siècles)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Junkelmann, M. (2000) - On the Starting Line With Ben-Hur: Chariot Racing in the Circus Maximus. *Gladiators and Caesars*. British Museum Press.
- Kähler, H. (1939) - Die Römischen Kapitelle des Rhein-gebietes. *Römisch-Germanische Forschungen*. Band 13. Berlin.
- Khader, A. (1987) - *Corpus des Mosaïques de Tunisie*. Tunis. II: 3.
- Lancha, J. (1977) - *Mosaïques Géométriques. Les Ateliers de Vienne (Isère). Leurs modèles et leur originalité dans l'Empire romain*. Roma: «L'Erma» di Breitschneider.
- Leitão, M. (2014) - Muralhas de Lisboa. *Rossio. Estudos de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal/Gabinete de Estudos Olisiponenses. 3, pp. 66-79.
- Lopes, V. (2013) - *Mértola e o seu território na antiguidade tardia (séculos IV-VIII)*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Huelva.
- López Monteagudo, G.; Navarro Sáez, R.; Palol Salellas, P. (1998) - *Corpus de Mosaicos de España*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. XII.
- López Rodríguez, J. R. (1985) - *Terra sigillata hispánica tardia decorada a molde de la Península Iberica*. Salamanca.
- Loyzance, M.-F. (1986) - À Propos de Marcus Cassius Sempronianus Olisiponensis, Diffusor Olearius. *Revue des Études Anciennes. Hommage à Robert Étienne*. Tome 88. N.º 1-4. Paris: Publications du Centre Pierre Paris, Diff. de Boccard. 17, pp. 273-284.
- Lugli, G. (1957) - *La tecnica edilizia romana*. Roma.
- Machado, J. L. (1970) - Documentos de Estácio da Veiga para o estudo da arqueologia do Algarve. I - Catálogo de plantas, desenhos e mosaicos. In *I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (Lisboa, 1969)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 335-385.
- Macias, S. (1993) - Um espaço funerário, In. Torres, C., coord. - *Museu de Mértola. Basílica Paleocristã*. Mértola.

- la: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 31-62.
- Macias, S. (2006) - *Mértola. O último porto do Mediterrâneo*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.
- Maciel, M. J. (1993/1994) - A propósito das chamadas «conservas de água da Rua da Prata». *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 22-23, pp. 145-156.
- Maciel, M. J. (1996) - *Antiguidade Tardia e Paleocristianismo em Portugal*. Lisboa: ed. Autor.
- Maciel, M. J. (1997) - Évora visigótica. Évora na Antiguidade Tardia. *Évora. História e imaginário*. Évora: Ataegina, pp. 27-42.
- Maciel, M. J. (2006) - *Vitrúvio - Tratado de arquitectura*. Tradução do latim, introdução e notas. Lisboa: IST Press.
- Man, A. (2005) - Sobre a cristianização de um *Forum*. *Al-Madan. Adenda Electrónica*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II Série. 13., pp. VI.1-VI.4.
- Man, A. (2006) - *Conimbriga. Do Baixo Império à Idade Média*. Lisboa: Sílabo.
- Man, A. (2008) - *Defesas urbanas tardias da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Mañas Romero, I. (2009) - Pavimentos decorativos de Itálica. Una fuente para el estudio del desarrollo urbano de la ampliación Adrianea. *Romula*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 8, pp. 179-198.
- Mañas Romero, I. (2011) - *Corpus de Mosaicos Romanos de España*, Madrid-Sevilla: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Universidad Pablo de Olavide. XIII.
- Mantas, V. G. (1990) - As Cidades marítimas da Lusitânia. *Les Villes de Lusitanie Romaine* (Coll. de la Maison des Pays Iberiques 42). Paris: CNRS, pp. 149-206.
- Mantas, V. G. (1999) - *Olisipo* e o Tejo. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático "Lisboa Ribeirinha" (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 15-41.
- Mantas, V. G. (2000) - A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. *Turres Veteras. Actas de História Medieval*. Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras - Instituto Alexandre Herculano. I, pp. 11-25.
- Mantas, V. G. (2004) - *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 43, pp. 63-83.
- Mantas, V. G. (2013) - População e mobilidade nas cidades romanas de Portugal. In *I Congresso Histórico Internacional. As cidades na História: População*. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, pp. 99-125.
- Mantas, V. G. (2018) - O Município de *Felicitas Iulia Olisipo* e as viagens por terra e por mar. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa*. (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 37-51.
- Mar, R. (2000) - Las Termas Imperiales. In Fernández Ochoa, C.; García Entero, V., eds. - *Termas Romanas en el Occidente del Imperio (Gijón, Colóquio Internacional, 2000)*. Gijón: VPT Editorial. Série Património. 5, pp. 15-21.
- Marques, J. A.; Santos, V. (1996) - Intervenção arqueológica de emergência na Baixa de Lisboa. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 5, p. 201.
- Marrero-Díaz, R.; Ramalho, E. C. (2015) - Características geoquímicas das antigas nascentes termominerais de Alfama (Lisboa, Portugal): estudo preliminar do seu potencial geotérmico e hidromineral. *Comunicações Geológicas*. Lisboa: Laboratório Nacional de Energia e Geologia IP. 102. Especial I. XX-XX, pp. 1-5. [Consult. 14 de Setembro de 2019]. Disponível em WWW: (URL: <http://www.lneg.pt/iedt/unidades/16/paginas/26/30/208>).
- Martins, M. (2000) - *Bracara Augusta: A casa romana das Carvalheiras* (Roteiros Arqueológicos 2). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Martins, M. (2005) - *As Termas romanas do Alto da Cidade: Um exemplo de arquitectura pública de Bracara Augusta* (Escavações Arqueológicas 1). Braga: Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.
- Mascarenhas, J. M.; Bilou, F.; Neves, N. S. (2012) - O aqueduto romano de Olisipo: viabilidade ou utopia? Ensaio de traçado apoiado em modelação geográfica. *Revista Portuguesa de História*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de História Económica e Social. 43, pp. 239-264.
- Mateos Cruz, P. (1995) - Arqueología de la Tardoantigüedad en Mérida: estado de la cuestión. In Velásquez Jiménez, A.; Cerrillo Martín de Cáceres, E.; Mateos Cruz, P., coords. - *Los últimos romanos en Lusitania*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, pp. 125-152.
- Mateos Cruz, P. (2018) - *Avgvsta Emerita*, de capital de la *diocesis hispaniarvm* a sede temporal visigoda. In Sánchez Ramos, I.; Mateos Cruz, P., eds. - *Territorio, topografía y arquitectura de poder durante la Antigüedad Tardía*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida, pp. 491-520.
- Mateos Cruz, P.; Picado Pérez, Y. (2011) - El teatro romano de *Metellinum* (Taffeln 13-23). *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 52, pp. 373-410.
- Mateos Cruz, P.; Pizzo A. (2018) - El teatro y el anfiteatro de *Augusta Emerita*. Aspectos Arqueológicos, Cronológicos y Urbanísticos. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 13-38.
- Mateos Cruz, P.; Rodríguez Gutierrez, O. (2018) - La Arquitectura del edificio escénico del teatro romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scænæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 41-74.
- Matos, J. L. (1995) - *Inventário do Museu Nacional de Arqueologia: Coleção de Escultura Romana*. Lisboa: Ministério da Cultura.
- Mayet, F. (1975) - *La céramique a parois fines dans la Péninsule Ibérique*. Bordeaux: Centre Pierre/CNRS.
- Mayet, F.; Schmitt, A.; Silva, C. T. (1996) - *Les amphores du Sado, Portugal: prospection des fours et analyse du matériel*. Paris: Editions De Boccard.

- Melchor Gil, E. (1992-93) - La construcción pública en Hispania Romana: iniciativa imperial, municipal y privada. *Memorias de Historia Antigua*. Oviedo: Universidad de Oviedo. XIII-XIV, pp. 129-170.
- Melchor Gil, E. (1999) - Elites municipales y mecenazgo cívico en la Hispania Romana. In Rodríguez Neila, J. F.; Navarro Santana, F. J., eds. - *Elites y promoción social en la Hispania Romana*. Pamplona: Ediciones Universidad de Navarra SA – EUNSA, pp. 219-263.
- Milella, M. (2004) - La decorazione architettonica del Foro di Traiano a Roma. *La decoración arquitectónica en las ciudades romanas de occidente*. A cura di S. Ramallo Asensio. Murcia, pp. 5-71.
- Mingoia, V. (2004) - Evergetismo relativo agli edifici da spettacolo romani. una rassegna di testi epigrafici della baetica. *ROMULA*. Sevilha: Universidad Pablo de Olavide. 3, pp. 219-238.
- Moita, I. (1968) - Achados da Época Romana no Subsolo de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 116-117, pp. 33-34.
- Moita, I. (1970a) - Noticiário arqueológico e artístico. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 56-62.
- Moita, I. (1970b) - O teatro romano de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. 124/125, pp. 7-37.
- Moita, I. (1977) - *As Termas Romanas da Rua da Prata*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Moita, I. (1994) - O domínio romano. In Moita, I., ed. - *O livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte / Lisboa 94, pp. 35-68.
- Moita, I.; Leite, A. C. (1986) - Recuperar *Olisipo* a partir de Lisboa. In *I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*. Lisboa: IPPC, pp. 55-67.
- Morais, R.; Fabião, C. (2007) - Novas produções de fabrico lusitano; problemáticas e importância económica. In Lagóstena, L.; Bernal, D.; Arévalo, A., eds. - *Actas del Congreso Internacional CETARIAE. Salsas y salazones de pescado en Occidente durante la Antigüedad* (BAR International Series 1686). Oxford, pp. 127-133.
- Morán Sánchez, C. J. (2018) - Estudios sobre la *Scenæ Frons* del teatro Romano de Mérida. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 207-242.
- Mota, N.; Carvalhinhos, M.; Miranda, P. (2018) - A «cerca velha» de Lisboa na Antiguidade Tardia e Idade Média: novas leituras a partir das fontes arqueológicas. In *Espaços e poderes na Europa urbana medieval*. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, pp. 495-520.
- Mota, N.; Grilo, C.; Almeida, R.; Filipe, V. (2016-2017) - Apontamento crono-estratigráfico para a topografia histórica de *Olisipo*. A intervenção arqueológica na rua de São Mamede (Via Pública – 19), Santa Maria Maior, Lisboa. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 149-207.
- Mota, N.; Martins, P. V. (2018) - Criptopórtico romano de Lisboa: Arqueologia e Arquitectura de uma estrutura portuária (um esboço preliminar). In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 78-101.
- Nicolaou, K. (1983) - Three New Mosaics at Paphos, Cyprus. In *III Colloquio Internazionale sul Mosaico Antico (Ravenna 6-10 Settembre 1980)*. Ravenna. I, pp. 219-215.
- Nogales Basarrate, T., ed. (1996) - *La pintura romana antigua: actas del Coloquio Internacional*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano de Mérida.
- Nogales Bassarate, T. (2008) - Circos romanos de *Hispania*. Novedades y perspectivas arqueológicas. In Nelis-Clément, J.; Roddaz, J.-M., eds. - *Le cirque romain et son image*. Bordeaux: Ausonius.
- Nogales Bassarate, T. (2017) - *Ludi Circenses en Hispania: Tipologías Monumentales y Testimonios Iconográficos*. In López Vilar, J., coord. - *Actes 3r Congrés Internacional d'Arqueologia i Món Antic. La glòria del circ: curses de carros i competicions circenses. In memoriam Xavier Dupré i Raventós (Tarragona, 16-19 de novembre de 2016)* (Tarraco Biennal 3). Tarragona: Fundació Privada Mútua Catalana, pp. 11-26.
- Nogales Basarrate, T.; Carvalho, A.; Almeida, M. J. (2002) - El Programa Decorativo de la Quinta das Longas (Elvas, Portugal): un Modelo excepcional de las Uillare de la Lusitania. In Romano, M. N., ed. - *Actas de la IV Reunion sobre Escultura Romana en Hispania*. Cuenca: Parque arqueológico de Segobriga, pp. 103-156.
- Nogales Basarrate, T.; Gonçalves, L.; Lapuente, P. (2019) - Materiales Lapídeos, mármoles y talleres en Lusitania. In Nogales Basarrate, T.; Beltrán Fortes, J., eds. - *Marmora Hispana: explotación y uso de los materiales pétreos en la Hispania Romana*. Roma, pp. 406-465.
- Nogales Basarrate, T.; Márquez Pérez, J. (2002) - Espacios y tipos funerarios en *Augusta Emerita*. *Espacios y Usos Funerarios en el Occidente Romano*. Córdoba: Universidad de Córdoba, pp. 113-144.
- Nogales Basarrate, T.; Merchán García, M. J. (2018) - Teatro romano de *Mettelinum*: programa escultórico - decorativo. *Escultura Romana en Hispania (Actas de la VIII Reunión Internacional de Escultura Romana en Hispania - Universidad de Córdoba y Baena 5-8 octubre de 2016)*. Córdoba: Editorial Universidad de Córdoba, pp. 527-551.
- Oliveira, A. C. (1996) - *Património Arqueológico e Arqueologia Urbana: uma realidade presente na cidade de Loures*. Património. Museu Municipal de Loures.
- Oleiro, J. M. B. (1973) - Mosaicos de Conimbriga encontrados durante as sondagens de 1899. *Conimbriga*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 12, pp. 1-92.
- Oleiro, J. M. B. (1986) - Mosaico romano. In Alarcão, J., coord. - *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa. I, pp. 111-127.
- Oleiro, J. M. B. (1992) - *Corpus dos Mosaicos Romanos de Portugal. Conventus Scallabitanus I. Conimbriga - Casa*

- dos Repuxos*, Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu Monográfico de Conímbriga.
- Ovadia, R.; Ovadia, A. (1987) - *Hellenistic, Roman and Early Byzantine Mosaic Pavements in Israel* (Bibliotheca Archaeologica 6). Roma: «L'Erma» di Bretschneider.
- Parreira, J.; Macedo, M. (2013) - O fundeadouro romano da Praça D. Luís I. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 747-754.
- Peacock, D. P. S.; Williams, D. F. (1986) - *Amphoræ and the Roman Economy. An Introductory Guide*. London: Longman Publications.
- Pedroso, R. (2005) - Pintura Mural Luso-Romana. O Arqueólogo Português. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia. Série 4. 23, pp. 321-366.
- Pensabene, P. (1973) - *Scavi di Ostia, VII; i capitelli*. Roma: Istituto Poligrafico dello Stato.
- Pereira, C. (2013) - Lucernas romanas de Alcácer do Sal. Entre a prática e o sagrado. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 13-28.
- Pérez Olmedo, E. (1996) - *Revestimientos de Opus Sectile en la Península Iberica* (Studia Archaeologica 84). Valladolid: Universidad de Valladolid.
- Pessoa, F. (1934) - *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira.
- Pimenta, J. (2005) - *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)* (Trabalhos de Arqueologia 41). Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.
- Pimenta, J. (2013) - A Arquitetura do Monte dos Castelinhos. In *Catálogo Exposição Monte dos Castelinhos (Castanheira do Ribatejo). Vila Franca de Xira e a conquista romana no Vale do Tejo*. Lisboa, Vila Franca de Xira: Museu Nacional de Arqueologia e Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 31-42.
- Pimenta, J. (2017) - Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana. Os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira). In Fabião, C.; Raposo, J.; Guerra, A.; Silva, F., eds. - *Olaria Romana. Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental / Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop*. Lisboa, pp. 195-205.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Leitão, M. (2005) - Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 8: 2, pp. 313-334.
- Pimenta, J.; Mendes, H. (2013) - *Catálogo Monte dos Castelinhos Vila Franca de Xira - Em busca de Ierabriga*. Vila Franca de Xira: Museu Municipal de Vila Franca de Xira, pp. 135-191.
- Pinheiro, H.; Santos, R.; Rebelo, P. (2017) - Contextos romanos identificados na frente ribeirinha de Lisboa. In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017. Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1293-1304.
- Pizzo, A. (2010) - *Las técnicas constructivas de la arquitectura pública de Augusta Emerita. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. 56.
- Ponte, S. (1988) - *Villa rústica de S. Pedro de Caldelas - Tomar*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia.
- Prata, S. (2013) - *Acompanhamento arqueológico da Rua de S. Mamede ao Caldas, n.º 9*. Relatório final de intervenção arqueológica entregue à DGPC. Lisboa. Documento policopiado.
- Quaresma, J. C. (no prelo) - Late contexts from *Olisipo* (Lisbon, Portugal). *Ceramics and Atlantic Connections: Late Roman and Early Medieval Imported Pottery on the Atlantic Seaboard: Proceedings of an International Symposium at Newcastle University, March 2014*.
- Quaresma, J. C.; Silva, R. B.; Bettencourt, J.; Fonseca, C.; Sarrazola, A.; Carvalho, R. (2017) - As ânforas romanas da nova sede da EDP (Lisboa). In Arnaud, J. M.; Martins, A., eds. - *Arqueologia em Portugal / 2017 - Estado da Questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1305-1315.
- Quinteira, C.; Encarnação, J. (2009) - Pedestal ao divino Augusto, de *Olisipo*, reencontrado. *Sylloge Epigraphica Barcinonensis*. Barcelona: Universitat de Barcelona. 7, pp. 143-146.
- Ramallo Asencio, S. F. (1985) - *Mosaicos Romanos de Carthago Nova (Hispania Citerior)*. Murcia: Consejería de Cultura y Educación de la Comunidad Autónoma.
- Ramalho, E. C.; Lourenço, M. C. (2005) - As águas de Alfama - A riqueza esquecida da cidade de Lisboa. *Boletim de Minas*. Lisboa: LNEG. 40: 1. Edição Especial, pp. 6-24.
- Real, M. L. (2000) - Portugal: cultura visigoda e cultura moçárabe. *Visigodos y Omeyas. Un debate entre la Antigüedad tardía y la alta Edad Media*. Madrid: CSIC, pp. 21-75.
- Reis, M. P. (2004) - *Las termas y balnea romanos de Lusitania. Lusitania (Stydia Lusitana 1)*, Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.
- Reis, M. P. (2015) - *De Lusitaniæ urbium balneis: estudo sobre as termas e balneários das cidades da Lusitânia*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Ribeiro, J. C. (1982-1983) - Estudos histórico-epigráficos em torno da figura de *L. Ivlivs Maelo Cavdicvs. Sintria*. Sintra: Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas. I-II: 1, pp. 151-476.
- Ribeiro, J. C. (1994a) - Breve nota acerca do criptopórtico de *Olisipo* e da possível localização do «forum corporativo». In *Encontro de Arqueologia Urbana. Braga, 1994. Bracara Augusta*. Braga: Câmara Municipal de Braga. 45, pp. 191-200.
- Ribeiro, J. C. (1994b) - *Felicitas Ivlia Olisipo* algumas considerações em torno do catálogo Lisboa Subterrânea. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, pp. 75-95.
- Ribeiro, J. C. (1995-2007) - *Soli æterno Ivnæ* cultos astrais em época pré-romana e romana na área de influência da serra de Sintra: ¿um caso complexo de sincretismo? In *Actas do Segundo Colóquio Internacional de Epigrafia Culto e Sociedade. Sintria*. Sintra. Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas: III-IV, pp. 595-624.

- Ribeiro, J. C. (2013) - Ptolomeu, Geogr. II 5, 6: XPHTINA ou *APHTINA? In Pimentel, M. C.; Alberto, P. F., eds. - *Vir bonus peritissimus æque. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo*. Lisboa, pp. 343-379.
- Ribeiro, L. C. (2015) - Contributos para uma visão global dos pavimentos de mosaico da *villa* romana de Santiago da Guarda, Ansião. In *Actas do Encontro Portugal-Galiza: Mosaicos Romanos Fragmentos de Cultura nas Proximidades do Atlântico*. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, APECMA, pp. 71-91.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P. (2017) - Os pavimentos romanos dos antigos Armazéns Sommer (campanha de 2014-2015). In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 106-111.
- Ribeiro, R.; Neto, N.; Rebelo, P.; Rocha, M. (2017a) - Dados preliminares de uma intervenção arqueológica nos antigos Armazéns Sommer, Lisboa (2014-2015). In Caessa, A.; Nozes, C.; Cameira, I.; Silva, R., coords. - *I Encontro de Arqueologia de Lisboa: uma cidade em escavação (Teatro Aberto, 26, 27 e 28 de Nov. de 2015)*. Lisboa: CAL/DPC/DMC/CML, pp. 223-245.
- Ribeiro, R.; Vieira, V.; Rebelo, P.; Neto, N. (2017b) - A Roman Mosaic Unearthed in Armazéns Sommer (Lisbon). *Archaeology and Iconography. Journal of Mosaic Research*. Istanbul: Ege Yayınları. 10, pp. 335-346.
- Rigour, J. (1968) - Les Sigillées Paléochrétiennes grises et orangées. *Gallia*. Paris. XXVI: 1, pp. 177-244.
- Rigour, Y.; Rigour, J.; Rivet, L.; Proust, J. (1985) - Les Dérivées des Sigillées Paléochrétiennes. Exportations et influences entre le groupe provençal et le groupe languedocien. *Documents d'Archéologie Méridionale*. 8, pp. 87-99.
- Rivet, L. (2001) - Les sigillées tardives issues des feuilles 1946-1970 de Saint-Blaise (Bouches-du-Rhône). Quantification et mise en évidence des décors. In *SFECAG, Actes du congress de Lille-Bavay*, pp. 489-515.
- Rocha, A. (2016) - "Almofariz". *Peça do mês*. Museu do Dinheiro Largo de S. Julião. Lisboa: Banco de Portugal.
- Rocha, A.; Represas, J.; Miguez, J.; Inocêncio, J. R. (2013) - Edifício Sede do Banco de Portugal em Lisboa. Um primeiro balanço dos trabalhos arqueológicos. In Arnaud, J. M.; Martins, A.; Neves, C., eds. - *Arqueologia em Portugal. 150 Anos*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 1011-1018.
- Rodríguez Almeida, E. (1987-1988) - *Diffusores, negotiatores, mercatores olearii*. *Bullettino della Commissione Archeologica Comunale di Roma*. Roma: L'Erma di Bretschneider. 92, pp. 299-306.
- Rodríguez de Oliva, P.; Serrano Ramos, E. (1988) - Tres Nuevas Inscripciones de Singilia Barba (El Castillón, Antequera, Málaga). *Baetica. Estudios de Historia Moderna y Contemporánea*. Málaga: Universidad de Málaga. 11, pp. 237-56.
- Ronczewsky, K. (1923) - *Variantes Libres de chapiteaux romains (Acta Universitatis Latviensis VIII)*. Roma.
- Röring, N. (2010) - Nuevo estudio arquitectónico de la fachada escénica del teatro romano de *Augusta Emerita*. In Ramallo Asensio, S.; Röring, N., eds. - *La scænæ frons en la arquitectura teatral romana: actas del Symposium Internacional celebrado en Cartagena los días 12 al 14 de marzo de 2009 en el Museo del Teatro Romano*. Murcia: Universidad; Fundación Teatro Romano de Cartagena, pp. 163-172.
- Rosenweig, R. (2004) - *Worshipping Aphrodite: art and cult in classical Athens*. Michigan: University of Michigan Press.
- Sabrosa, A.; Henriques, F.; Carvalho, E.; Germano, A. (2012) - Os fornos romanos da Quinta da Granja (Cachoeiras, Vila Franca de Xira) e Quinta de Santo António (Carregado, Alenquer). *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008)*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 148-157.
- Salomé, R.; Calado, M. (2012) - Um pequeno conjunto cerâmico de Época Medieval da Rua de São Mamede (Lisboa). *Al-Madan online*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 17, pp. 23-30.
- Salvado, S. (1994) - 2. Lisboa Evolução: período romano. In Santana, F.; Sucena, E., dirs. - *Dicionário da História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, pp. 503-509.
- Salvado, S.; Ferreira, S. V. (1984) - Alguns elementos pré-românicos reutilizados nos paramentos exteriores da Sé de Lisboa. *Revista Municipal*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Série 2. 45: 7, pp. 3-36.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (1994) - La iconografía de Venus en los mosaicos hispanos. In *VI Coloquio Internacional sobre Mosaico Antiguo (Palencia-Mérida, 1990)*. Valladolid: Junta de Castilla y León, Consejería de Cultura y Turismo, pp. 393-408.
- San Nicolás Pedraz, M. P. (2004-2005) - Seres mitológicos y figuras alegóricas en los mosaicos romanos de Hispania en relación con el agua. In *Espacio, Tiempo y Forma*. Madrid: UNED. Serie II. Historia Antigua. 17-18, pp. 301-333.
- Santos, A. B. (2015) - *A terra sigillata do Edifício Sede do Banco de Portugal. Dissertação de Mestrado em Arqueologia*. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C. (2011) - *As cerâmicas de produção local do centro oleiro romano da Quinta do Rouxinol*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Santos, C.; Raposo, J.; Quaresma, J. C. (2015) - Análise Crono-Estratigráfica da Olaria Romana da Quinta do Rouxinol (Corroios, Seixal). In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *In Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Império à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 117-148.
- Santos, V.; Marques, J. (2002) - Acompanhamento das obras do metropolitano de Lisboa: Intervenção arqueológica na Avenida da Ribeira das Naus. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 165-176.
- Sauron, G. (1979) - Les modèles funéraires classiques de l'art décoratif Neo-attique au 1er siècle avant J.-C. *Mélanges de l'École Française de Rome. Antiquité*. Roma. 91, pp. 183-236.

- Sepúlveda, E.; Fernandes, L. (2012) - Um cálice em *terra sigillata* de tipo itálico encontrado na zona ribeirinha de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Direcção-Geral do Património Cultural. 15, pp. 139-154.
- Sepúlveda, E.; Gomes, N.; Silva, R. B. (2003) - Intervenção arqueológica urbana na Rua dos Douradores / Rua de S. Nicolau (Lisboa). 1: a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 6: 2, pp. 401-414.
- Sepúlveda, E.; Bolila, C. (2020) - A cerâmica fina romana do teatro de *Olisipo*. *Scæna. Estudos do Teatro Romano*. Lisboa: EGEAC / Museu de Lisboa - Teatro Romano. 1, pp. 120-135.
- Sepúlveda, E.; Vale, A.; Sousa, V.; Santos, V.; Guerreiro, N. (2002) - A cronologia do circo de *Olisipo*. A *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia. 5: 2, pp. 245-275.
- Silva, A. V. (1934) - As Termas Romanas da Rua da Prata, em Lisboa. In *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivo Histórico Municipais*. Lisboa. 13, pp. 19-29.
- Silva, A. V. (1939) - *Muralhas da Ribeira de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. (1.^a ed. 1900; 3.^a ed. 1987).
- Silva, A. V. (1944) - *Epigrafia de Olisipo: subsídios para a história da Lisboa Romana*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- Silva, A. V. (1987) - *A Cerca Fernandina de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. I.
- Silva, B. M. (2007) - *A implantação romana nas Almoínhas (Loures). Forno 3: contribuições para a compreensão da produção oleira romana*. Relatório final para a obtenção da licenciatura em História, variante Arqueologia. Documento policopiado.
- Silva, J.; Martins, M. (2015) - A Evolução e análise funcional de uma *domus* romana. A unidade habitacional da zona arqueológica das antigas Cavaliças de Braga. In Martínez Peñin, R.; Caverio Domínguez, G., eds. - *Evolución de los Espacios Urbanos y Sus Territorios en el Noroeste de la Península Ibérica*. León: Instituto de Estudios Medievales e Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, pp. 425-442.
- Silva, M. F. (2017a) - *Mutação urbana na Lisboa Medieval. Das Taifas a D. Dinis*. Dissertação de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Silva, M. F. (2017b) - *Balsa, Cidade Perdida*. Tavira: Campo Arqueológico de Tavira / Câmara Municipal de Tavira.
- Silva, R.; Reis, L. C.; Caetano, M. T. (2011) - Mosaicos da *Villa* Romana de Frielas – primeira notícia. In *X Colloque Mosaïque Greco-Romaine*. Coimbra, pp. 889-902.
- Silva, R. B. (1999) - Urbanismo de *Olisipo*: a zona ribeirinha. In *Actas das Sessões do II Colóquio Temático “Lisboa Ribeirinha” (Padrão dos Descobrimentos, 2 a 4 de Julho de 1997)*. Lisboa: Divisão de Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa, pp. 43-65.
- Silva, R. B. (2005) - *“Marcas de oleiro” em terra sigillata da Praça da Figueira (Lisboa): contribuição para o conhecimento da economia de Olisipo (século I a.C. - século II d.C.)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia (Especialização em Arqueologia Urbana). Braga: Instituto de Ciências Sociais - Universidade do Minho.
- Silva, R. B. (2011) - *Olisipo*. In Remolà Vallverdu, J. A.; Acero Pérez, J., coords. - *La gestión de los residuos urbanos en Hispania: Xavier Dupré Raventós (1956-2006)*. In *Memoirien. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueologia de Mérida. LX, pp. 203-212.
- Silva, R. B. (2012a) - Arqueologia Viária Romana Em Lisboa: a I.A.U. da Praça da Figueira. *Cira Arqueologia Online. Actas da Mesa Redonda de Olisipo a Ierabriga* (Vila Franca de Xira, 31 de Outubro 2008). Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. I, pp. 74-87.
- Silva, R. B. (2012b) - *As “marcas de oleiro” na terra sigillata e a circulação dos vasos na península de Lisboa*. Dissertação de Doutoramento em História, especialidade em Arqueologia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, R. B. (2015a) - O “facies” cerâmico de *Olisipo* (Lisboa) no período Júlio Cláudio: uma primeira aproximação a partir de contextos suburbanos selecionados. In *Actas do Workshop internacional La Configuración de los facies Cerámicos Altoimperiales en el sul de la Península Ibérica: tecnología, producción, difusión y comercialización de cerámicas finas de origen bético en el Sur peninsular durante el Alto Imperio*. Granada. Universidad de Granada-Facultad de Filosofía y Letras, 28 de Noviembre de 2013.
- Silva, R. B. (2015b) - O contexto Alto-Imperial da Rua dos Remédios (Alfama - Santa Maria Maior, Lisboa): Vidros, Cerâmicas e Análise contextual. In Quaresma, J. C.; Marques, J., eds. - *Contextos Estratigráficos na Lusitania (do Alto-Imperio à Antiguidade Tardia)*. (AAP Monografias 1). Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp. 41-67.
- Silva, R. B. (2015c) - Acerca de um almofariz itálico com marca de oleiro de *M Cominivs Satvrninvs*, de Lisboa. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 4.
- Silva, R. B. (2018) - A “via Norte” de *Olisipo*: a arqueologia da Praça da Figueira (Lisboa), a caracterização dos troços viais e a dinâmica da paisagem suburbana envolvente. In Senna-Martinez, J. C.; Martins, A. C.; Caessa, A.; Marques, A.; Cameira, I., eds. - *Meios, vias e trajetos... Entrar e Sair de Lisboa* (Fragmentos de Arqueologia de Lisboa 2). Lisboa: CML/DMC/DPC/CAL; SGL/SA, pp. 73-86.
- Silva, R. B.; Man, A. (2015) - Palácio dos Condes de Penafiel: a significant late antique context from Lisbon. In Gonçalves, M. J.; Gómez-Martínez, S., eds. - *Proceedings of 10th International Congress on Medieval Pottery in the Mediterranean (Silves & Mértola, 22-27 October 2012)*. Silves: Câmara Municipal de Silves, pp. 455-460.
- Silva, R. B.; Nozes, C.; Miranda, P. (2015) - O contexto [9033] da Praça da Figueira e a circulação de produtos cerâmicos em *Olisipo*. *Estudos e relatórios de Arqueologia Tagana*. [s.l.; s.n.]. 2.
- Silva, R. B.; Valongo, A. (2016-2017) - A Urbanística do Subúrbio Ocidental de *Felicias Iulia Olisipo* (Lisboa): Um Contributo da I.A.U. da Rua do Ouro n.ºs 133-145. *Cira Arqueologia*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de Vila Franca de Xira. V, pp. 116-148.

- Soria, V. (2014) - A cerâmica de mesa de pasta cinzenta que imita protótipos itálicos tardo republicanos/proto-imperiais, proveniente da Alcáçova de Santarém. In *Actas del II Congreso Internacional da SECAH (Braga, 3-6 de Abril de 2013)* (Monografias Ex Officina Hispana 2). Porto. II, pp. 75-84.
- Sousa, E. (2016) - A Idade do Ferro em Lisboa: Uma primeira aproximação a um faseamento cronológico e à evolução da cultura material. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Universidad Autónoma de Madrid (CuPAUAM)*. Madrid: Universidad Autónoma de Madrid. 42, pp. 167-185.
- Stylow, A. U.; Ventura Villanueva, Á. (2018) - Inscripciones Asociadas a la *Scaena* del Teatro. In Mateos Cruz, P., ed. - *La Scenæ Frons del Teatro Romano de Mérida. Anejos de Archivo Español de Arqueología*. Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida. LXXXVI, pp. 155-192.
- Sucena, E. (2006-2007) - O vale e o convento de Chelas. *Revista Arqueologia e História*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 58/59, pp. 167-176.
- Teichner, F.; Oberhofer, K.; Kopf, J. (2014) - Miróbriga (Santiago do Cacém, Portugal): Nuovi dati archeologici sul modello lusitano della residenza privata in Età Romana. In Álvarez Martínez, J. M.; Nogales Basarrate, T.; Rodà de Llanza, I., eds. - *XVIII CIAC: Centro y periferia en el mundo clásico/ Centre and periphery in the ancient world*. Mérida, pp. 1121-1124.
- Thuillier, J.-P. (2011) - Vingt ans au cirque. Des «Roman circuses» au «Cirque romain». *Theatra et spectacula. Les grands monuments des jeux dans l'Antiquité*. 1-2. [Em linha]. Disponível em WWW: (URL: <https://journals.openedition.org/edl/125>).
- Tranoy, A. (1974) - *Hydace. Chronique*. Paris: Les Editions du Cerf.
- Trillmich, W. (2006) - El anfiteatro de Nerón en Roma, visto desde la andanada. In *Coloquio Internacional Amphitheatrum, del edificio a los juegos (Museo Nacional de Arte Romano, 27-28 octubre 2006)* (resumos policopiados das comunicações). Mérida.
- Vale, A. (2001) - O Circo de Olisipo. *El Circo en Hispania Romana*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano, Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, pp. 125-137.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1994) - Intervenção Arqueológica no Largo de Santo António da Sé. *Al-Madan*. Almada: Centro de Arqueologia de Almada. II série. 3, p. 109.
- Vale, A.; Fernandes, L. (1997) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In *3.º Encontro de Arqueologia Urbana - Actas (Almada, 20 a 23 de Fevereiro de 1997)* (Monografias Arqueologia). Almada: Câmara Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2002) - Intervenção arqueológica na Praça de D. Pedro IV (Rossio) em Lisboa. In Barros, L.; Henriques, F., coords. - *Actas do 3.º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana Almada, 20-23 de Fevereiro de 1997* (Monografias Arqueologia). Almada: Museu Municipal de Almada, pp. 109-121.
- Vale, A.; Fernandes, L. (2017) - O Circo Romano de Olisipo: exemplos de revestimentos. In Fernandes, L.; Bugalhão, J.; Fernandes, P. A., coords. - *Debaixo dos Nossos Pés. Pavimentos históricos de Lisboa*. Lisboa: Museu de Lisboa, pp. 124-126.
- Valongo, A. (2014) - *Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/ Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A. (2019) - *Relatório final dos trabalhos arqueológicos no edifício da Rua Victor Cordon n.º 29-33/Rua do Ferragial 6-10A Lisboa*.
- Valongo, A.; Pimenta, J. (2017) - Os achados arqueológicos. 31 - *Cordon Lisboa: um edifício com história*. Lisboa: Eon - Indústrias Criativas, pp. 74-117.
- Vaz, T. G. (2010) - *Contribuição para o estudo dos movimentos de vertente desencadeados por eventos sísmicos em Portugal Continental*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física e Ordenamento do Território. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa.
- Vieira, C. J. C. (1998) - *Capitéis de Ara do Municipium Olisiponense*. Dissertação Final de Mestrado em História da Arte. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Vieira, V. N. (2012) - Os mosaicos, pinturas e elementos arquitectónicos do Beco da Cardosa em Alfama. *Portugal Romano - Revista de Arqueologia Romana*. I: 3, pp. 116-124. [Em linha].
- Vitruve (1965) - *Les dix livres d'architecture*. Paris: Ed. André Balland. Dir. Bernard Gheerbrant.
- Wolfram, M. (2011) - *Uma síntese sobre a cristianização do mundo rural no sul da Lusitânia. Arqueologia - Arquitectura - Epigrafia*. Dissertação de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Lista de Autores

ALEXANDRA GASPAR

Direção-Geral do Património Cultural.
alexandralinogaspar@gmail.com

ANA GOMES

Direção-Geral do Património Cultural.
agomes711@gmail.com

ANA VALE

Direção-Geral do Património Cultural.
avale@dgpc.pt

ANTÓNIO VALONGO

antonio.valongo@gmail.com

CARLOS CABRAL LOUREIRO

Museu de Lisboa / EGEAC.
carlosloureiro@egeac.pt

CARLOS FABIÃO

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
cfabiao@campus.ul.pt

CAROLINA GRILO

Museu de Lisboa | Teatro Romano / EGEAC; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
carolinagrilo@egeac.pt

CRISTINA NOZES

Centro de Arqueologia de Lisboa /
Câmara Municipal de Lisboa.
cristina.nozes@cm-lisboa.pt

HELENA PINHEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

JACINTA BUGALHÃO

Direção-Geral do Património Cultural; Uniarq;
Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa;
CEAACP-UC: Centro de Estudos de Arqueologia, Artes
e Ciências do Património / Universidade de Coimbra.
jacintabugalhao@gmail.com

LÍDIA FERNANDES

Coordenadora do Museu de Lisboa | Teatro
Romano / EGEAC.
lidiafernandes@egeac.pt

MARIA PILAR REIS

CEAU - Centro de Estudos de Arquitetura e Urbanismo
da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto.
pilar.reis@gmail.com

MARIA TERESA CAETANO

Artis - Instituto de História da Arte da Faculdade
de Letras de Universidade de Lisboa.
mtvcaetano@gmail.com

NUNO NETO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

PAULO ALMEIDA FERNANDES

Museu de Lisboa / EGEAC; CEAACP-UC;
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências
do Património / Universidade de Coimbra; Instituto
de Estudos Medievais / Universidade Nova de Lisboa.
paulofernandes@egeac.pt

PAULO REBELO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RAQUEL HENRIQUES

raquelinhahenriques@gmail.com

RAQUEL SANTOS

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RICARDO ÁVILA RIBEIRO

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

RODRIGO BANHA DA SILVA

Centro de Arqueologia de Lisboa / Câmara Municipal
de Lisboa; Departamento de História / CHAM -
Centro de Humanidades / Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas / Universidade Nova de Lisboa.
rodrigobanhadasilva@gmail.com

VANESSA FILIPE

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VASCO NORONHA VIEIRA

Neoépica, Lda.
neoepica@gmail.com

VICTOR FILIPE

Uniarq: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.
victor.filipe7@gmail.com

Projeto Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*

PELOURO DA CULTURA Catarina Vaz Pinto	Municipal da Amadora; Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos; Câmara Municipal de Cascais; Câmara Municipal de Loures; Câmara Municipal de Mafra; Câmara Municipal da Moita; Câmara Municipal de Oeiras; Câmara Municipal de Palmela; Câmara Municipal do Seixal; Câmara Municipal de Sesimbra; Câmara Municipal de Sintra; Câmara Municipal de Torres Vedras; Câmara Municipal de Vila Franca de Xira; Centro de Arqueologia de Almada; Direção-Geral do Património Cultural (DGPC); DGPC/ Direção Regional de Cultura do Norte; DGPC/ Museu Nacional de Arqueologia (MNA); EGEAC – Cultura em Lisboa (Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural E.M.); Empark Portugal – Empreendimentos e Exploração de Parques, S.A.; Empatia – Arqueologia Lda.; Eon – Indústrias Criativas LDA; Eurostar Museum Hotel (Lisboa); Era – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património S.A.; Geopark/Naturtejo da Meseta Meridional; Geopark / UNESCO / Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura; Hotel Governador (Belém, Lisboa) / Nau Hotels & Resorts; Museu Arqueológico do Carmo/ Associação dos Arqueólogos Portugueses; Museu do Dinheiro/ Banco de Portugal; Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS); Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros (NARC)/ Fundação Millennium BCP; Neoépica – Arqueologia	e Património Lda.; Quinta de S. Sebastião. Vinho Regional de Lisboa; The 7 Hotel (Lisboa); Veiga de Mago – Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos Lda.; Egas Moniz - Cooperativa de Ensino Superior/ Instituto Universitário Egas Moniz e Centro de Investigação Interdisciplinar Egas Moniz (CIIEM); Universidade de Aveiro - Unidade de Investigação em Governança, Competitividade e Políticas Públicas; Universidade de Coimbra/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património (CEAACP); Universidade de Évora / Laboratório Hércules; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Arquitetura/ Forma Urbis LAB; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Ciências/ Departamento de Geologia; Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa (CEC); Universidade de Lisboa/ Faculdade de Letras/ Instituto de História de Arte (ARTIS); Universidade de Lisboa/ Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas/Instituto de Estudos Medievais (IEM); Universidade Nova de Lisboa/ Faculdade de Ciências Sociais e Humanas /Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA); Universidade Nova de Lisboa/Faculdade de Ciências Sociais e Humanas / Departamento de História de Arte.
DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA Manuel Veiga		
DEPARTAMENTO DE PATRIMÓNIO DA CULTURA Jorge Ramos de Carvalho		
CENTRO DE ARQUEOLOGIA DE LISBOA António Marques		
COORDENAÇÃO GERAL Jorge Ramos de Carvalho		
GESTÃO DE PROJETO Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML António Marques – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Manuel Oleiro – EGEAC		
PARCEIROS DO PROJETO ArqueoHoje – Arqueologia, Conservação e Gestão de Património Lda.; Câmara Municipal de Alcochete; Câmara Municipal de Alenquer; Câmara Municipal de Almada; Câmara		

Livro

TÍTULO Lisboa Romana <i>Felicitas Iulia Olisipo</i> . A capital urbana de um município de cidadãos romanos – espaço(s) de representação de cidadania	Vanessa Filipe Vasco Noronha Vieira Victor Filipe	TIRAGEM 1.500 exemplares
COORDENAÇÃO DO VOLUME Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Paulo Almeida Fernandes – MUSEU DE LISBOA / EGEAC	REVISÃO DO VOLUME Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristóvão Fonseca – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC Inês Viegas – DPC/DMC/CML Lídia Fernandes – MUSEU DE LISBOA – TEATRO ROMANO / EGEAC	EDIÇÃO CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA
INVESTIGAÇÃO E AUTORIA Alexandra Gaspar Ana Gomes Ana Vale António Valongo Carlos Cabral Loureiro Carlos Fabião Carolina Grilo Cristina Nozes Helena Pinheiro Jacinta Bugalhão Lídia Fernandes Maria Teresa Caetano Nuno Neto Paulo Almeida Fernandes Paulo Rebelo Pilar Reis Raquel Santos Ricardo Ávila Ribeiro Rodrigo Banha da Silva	COORDENAÇÃO DA EDIÇÃO Ana Sofia Antunes – CAL/DPC/DMC/CML Cristina Nozes – CAL/DPC/DMC/CML Inês Morais Viegas (coord.) – DPC/DMC/CML © Câmara Municipal de Lisboa, autores dos textos de cada volume e editora Caleidoscópio. DESIGN GRÁFICO José Ribeiro	CALEIDOSCÓPIO - EDIÇÃO E ARTES GRÁFICAS, SA Telef.: (+351) 21 981 79 60 Fax: (+351) 21 981 79 55 caleidoscopio@caleidoscopio.pt www.caleidoscopio.pt ENDEREÇO DE EMAIL DO PROJETO lisboaromana@cm-lisboa.pt FACEBOOK: https://www.facebook.com/lisboaromanaLX/ INSTAGRAM https://instagram.com/lisboaromana TWITTER twitter.com/LisboaRomana
	ISBN 978-989-658-663-8	
	DEPÓSITO LEGAL 463308/19	